

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Guilherme Moura Ferreira

**A narrativa de true crime no podcast em Modus Operandi
e o fascínio pelo macabro**

São Paulo
2023

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

A narrativa de *true crime* no podcast em Modus Operandi e o fascínio pelo macabro

Guilherme Moura Ferreira

Orientador: Prof(a). Dr(a). Juliana M. S. Oliveira

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

São Paulo
2023

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora por todo o apoio durante esse período. Foram meses intensos, que exigiram de mim foco e atenção muito além da produção do artigo e dos estudos, mas que graças ao olhar empático e humano da Juliana ficaram mais leves.

Dedico esse trabalho à minha mãe, a mulher mais incrível e forte que conheci na minha vida. Toda a sua vontade de viver, força e amor são o meu combustível diário.

Ao meu pai e ao meu irmão por também me apoiarem durante minha jornada acadêmica. Essa conquista também é de vocês.

Aos meus familiares e amigos pela paciência e compreensão durante todo o período de estudo que fiquei ausente.

A todos que me ajudaram nessa caminhada, que acreditaram em mim e no meu potencial, até quando eu mesmo não acreditei.

E a Deus, por me conferir forças para não abandonar os estudos em meio as tantas dificuldades do dia a dia, mesmo quando eu só conseguia enxergar solução na desistência.

A todas e todos, muito obrigado!

A narrativa de *true crime* no podcast em *Modus Operandi* e o fascínio pelo macabro¹

Guilherme Moura Ferreira²

Resumo

No Brasil, houve um aumento de 52% no consumo de podcasts de *true crime* em 2022 em relação a 2021, de acordo com dados do Spotify. A hipótese levantada neste artigo é de que esse crescimento está ligado intimamente à narratividade e riqueza de detalhes ao contar essas histórias. Para testá-la, fizemos a análise do roteiro do 25º episódio do podcast *Modus Operandi*, intitulado “Canibais de Garanhuns: um triângulo amoroso e mortal”, buscando relacioná-lo às 10 bases filosóficas do jornalismo literário propostas por Edvaldo Pereira Lima, que tem a humanização como um ponto focal.

Palavras-chave: Crimes reais. Jornalismo literário. Narração. Podcast.

Fascination with the macabre: how narratives in true crime podcasts enchant people

Abstract

In Brazil, there was a 52% increase in the consumption of true crime podcasts in 2022 compared to 2021, according to data from Spotify. The hypothesis raised in this article is that this growth is closely linked to the narrativity and richness of detail when telling these stories. To test it, we analyzed the script for the 25th episode of the *Modus Operandi* podcast, entitled “Canibais de Garanhuns: a love and death triangle”, seeking to relate it to the 10 philosophical bases of literary journalism proposed by Edvaldo Pereira Lima, who has humanization as a focal point.

Keywords: True crimes. Literary journalism. Narration. Podcast.

Fascinación por lo macabro: cómo las narrativas en los podcasts de crímenes reales encantan a las personas

Resumen

En Brasil, hubo un aumento del 52% en el consumo de podcasts de crímenes reales en 2022 en comparación con 2021, según datos de Spotify. La hipótesis planteada en este artículo es que este crecimiento está íntimamente ligado a la narratividade y riqueza de detalles de las historias narradas. Para probarlo, analizamos el guión del episodio 25 del podcast *Modus Operandi*, titulado “Canibais de Garanhuns: un triángulo amoroso y muerto”, buscando relacionarlo con las 10 bases filosóficas del

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Bacharel em jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu e especialista em Gestão de Conteúdo em Comunicação com foco em Jornalismo pela Universidade Metodista.

periodismo literario propuestas por Edvaldo Pereira Lima, que tiene como eje la humanización.

Palabra clave: Crímenes reales. Periodismo literario. Narración. podcast.

1. Introdução ao *True Crime*

"Cuidado! O conteúdo a seguir é de extrema violência e não é recomendado para pessoas sensíveis". Este é um aviso recorrente no início de podcasts de *true crime*, ou crime real, e de outras obras com essa temática, como programas de TV, documentários e livros.

Podemos dizer que o século XXI está sendo frutífero para essas produções em decorrência de um espaço, cada vez mais cativo, no cenário da cultura popular, graças às distribuições de conteúdos por meio dos *streamings*. De acordo com Ilana Casoy, criminóloga e autora dos livros *Arquivo Serial Killers Made In Brasil* (2014) e *Casos de Família* (2016), em entrevista à matéria *O que é o true crime e como ele tem aparecido cada vez mais na cultura pop*, para o portal Jovem Nerd, a curiosidade e o interesse pela mente humana são fatores importantes. "Percebi que o público que gosta desse tipo de assunto ficou mais exigente e anseia por análises de comportamento envolvidas com aquele crime - quem comete, investiga e reflete sobre eles, sem o velho maniqueísmo de polícia boa, bandido mau" (CASOY, 2020).

Para tentarmos compreender esse fenômeno, será necessário fazer um breve panorama do subgênero de *true crime* no Brasil, da sua difusão ao consumo. Para isso, recorreremos a tese *As Narrativas Criminais Brasileiras*, de Pedro Sasse (2019), que defende que no Brasil, embora haja certa complexidade na literatura nacional em enquadrar histórias focadas em crimes no gênero Romance Policial, a partir de uma visão crítica anglófona contemporânea, é possível refletir e identificar de que maneira as histórias de criminosos e vítimas ascendem à construção do conceito da narrativa criminal, propondo também, sob a mesma ótica, que o Brasil possui uma tradição para contar e consumir essas histórias.

O autor destaca uma certa dificuldade de o Romance Policial, enquanto gênero, comportar as diversas capilaridades de obras em que os temas centrais das histórias são os crimes. É apontado então que o termo *crime fiction*, ou ficção

de crime, é o mais adequado para a crítica especializada³ para denotar essas obras, uma vez que policiais, detetives ou qualquer outra personagem análoga à investigação pode não se fazer presente na história, mas o crime sempre estará ali.

Encontramos em Todorov (2006) uma consideração sobre o pouco desenvolvimento nas teorias de gêneros:

[...] a reflexão literária da época clássica, que tratava mais dos gêneros do que das obras, manifestava também uma lamentável tendência: a obra era considerada má se não obedecia suficientemente às regras do gênero. Essa crítica procurava, pois, não só descrever os gêneros, mas prescrevê-los; o quadro dos gêneros precedia à criação literária ao invés de segui-la. (TODOROV, 2006, p. 93)

É possível dizer então, a partir da ótica adotada sobre ficção de crime, que o Brasil tem um flerte com obras desse gênero desde o início de suas produções, conforme aponta Sasse (2019) ao citar *Januário Garcia ou As Sete Orelhas (1852)*⁴, de Joaquim Norberto.

Colocando lado a lado o enquadramento temporal das produções literárias no âmbito internacional e nacional, enquanto as *dime novels*⁵ do século XIX são as predecessoras do *true crime*, no Brasil de XIX, as reportagens foram ganhando novas nuances para um público que pedia por um relato menos frio e que "possibilitasse uma experiência afetiva e estética do caso" (SASSE, 2019, p. 244), tendo o folheto *Últimos momentos dos quatro sentenciados à morte pelo assassinato e roubo na Ilha da Caqueirada, conforme às revelações feitas no Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro, pelo sobrevivente Antônio Joaquim da Silva, executado no dia 8 de fevereiro de 1839 no Largo do Capim (1839)*⁶ como precursor desses romances.

³ Sasse (2019) aponta que a movimentação tem início nos anos 80 e 90 (apud PRIESTMAN, 2003, p. 1), mas se intensifica a partir dos anos 2000 e 2010 com os avanços dos núcleos de pesquisa sobre gênero.

⁴ História baseada em um crime real de um fazendeiro do interior de São Paulo que teve seu filho assassinado e partiu em busca dos criminosos, matando-os e fazendo um colar com a orelha de cada um deles.

⁵ De acordo com Sasse (2019), as *dime novels* foram sucesso editorial nos EUA, sendo "narrativas impressas em papel de baixa qualidade, vendidas a um preço acessível às camadas populares e recheadas de temas polêmicos, que atiçavam o imaginário de seu público", consideradas semelhantes às *penny dreadfuls*.

⁶ Folheto baseado na real história de Antônio Gonçalves, soldado da guarda de honra do imperador que é surpreendido por assaltantes e, ao tentar reagir, é assassinado na sua residência na Ilha da Caqueirada.

O autor traz, com excelência e riqueza de detalhes, uma extensa linha do tempo com os principais marcos das narrativas criminais no âmbito nacional, que nós sintetizamos⁷ (cf. SASSE, 2019, p. 223-349): ao final do século XIX, o Brasil é tomado pelos romances de sensação, assim como a França e a Inglaterra, mas também teve uma boa recepção no que tange às biografias de criminosos célebres, romances de crimes reais – que na tradição anglófona ficaram conhecidos como *true crimes* – e reconstituições de crimes famosos; já no século XX há a popularização de revistas de ficção de crime, como a *X9* e a *Repórter Polícia*, além das crônicas policiais e a romantização dos crimes publicados em jornais, que tinham tanta demanda de notícias de crimes, que haviam periódicos especializados, como o *Arquivo Vermelho*; nos anos 1960, Carolina de Jesus é, com sua obra *Quarto de Despejo*, a primeira moradora da favela a publicar um livro, que embora não carregasse a narrativa criminal, abordou a violência do estado e da comunidade em que vivia; é a partir dos anos 1970 que a ficção de crime passa a ser adotada no país, com destaque para as obras de romance-reportagem e do “realismo feroz”, caracterizadas pela “extrema violência” (Cândido apud Sasse, 2019); os anos 1990 até a atualidade são marcados pela narcoliteratura, considerada herdeira das *true crimes*, biografias criminais e dos romances-reportagens, que conta com obras emblemáticas como *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, que ganhou adaptação cinematográfica, assim como *Estação Carandiru* (1999), escrito pelo médico Drauzio Varella, e *Elite da Tropa* (2007), de Rodrigo Pimentel.

Entendendo que quando falamos de *true crime* “é crucial ter uma visão do gênero que não perca de vista, ainda, as produções em outras mídias” (SASSE, 2019, p. 102), utilizaremos como base a trajetória do gênero literário, do seu

⁷ Entendemos o grau relevância e complexidade propostos pelo autor ao fazer uma pesquisa que mostra como o gênero se desenvolveu no país, dos seus primórdios até os dias atuais. Para isso, ele destaca três grandes momentos ao que chama de: “era da navalha”, dos precursores da narrativa criminal, passando pelos mistérios urbanos, os romances de sensação, romances de crimes reais, biografias criminais, crônicas de crime e narrativas criminais regionalistas; “era do revólver”, abordando o regionalismo urbano, suspense psicológico, realismo feroz e romance-reportagem; e a “era do fuzil”, com a narcoliteratura, dividida em marginal e externa e o novo *noir*. E é justamente pela densidade de todo esse apanhado temporal que fizemos um micropanorama dos pontos mais importantes ao artigo e recomendamos a leitura das páginas 223 à 349 para um maior aproveitamento sobre o tema.

surgimento até os dias atuais, para dialogar com o aumento do consumo de programas sobre crimes reais encontrados na podosfera⁸.

Por mais que, em um trabalho voltado para a literatura, seja esperada certa especificidade na abordagem desse objeto, em gêneros de entretenimento, as relações com o rádio, o cinema e a televisão – sem falar na internet e no mundo dos jogos virtuais – são fundamentais para entender o consumo e a circulação desse tipo de narrativa. (SASSE, 2019, p. 103)

De acordo com informações divulgadas pela assessoria de imprensa da plataforma *Spotify* à Carta Capital, para a produção da matéria *Gosto de sangue*, da jornalista Helena Aragão, existiam ao menos 50 opções de podcasts brasileiros dedicados a contar histórias de crimes reais até a época da reportagem, em setembro de 2022. O dado aponta que o primeiro semestre do ano em questão teve um aumento de 52% no consumo de podcasts de *true crime* em relação a 2021.

Com base na crescente difusão das histórias de crimes reais, a presente pesquisa tenta compreender por qual motivo há um significativo aumento na busca e no consumo de podcasts voltados para essa temática, testando as hipóteses de que o interesse do ouvinte é advindo da estética narrativa, ou seja, na riqueza de detalhes das histórias contadas, e na humanização ao tratar das personagens envolvidas, sejam elas criminosas ou vítimas, propondo reflexões aos ouvintes.

Para isso, faremos uma análise do 25º episódio do podcast *Modus Operandi*, os “Canibais de Garanhuns: um triângulo amoroso e mortal”, publicado em 24 de julho de 2020 e apresentado pelas podcasters⁹ Mabê Bonafé e Bel Rodrigues – que deixou o programa no mesmo ano. O capítulo em questão apresentou aos ouvintes a história de Jorge Negromonte da Silveira, Isabel Cristina Torreão Pires e Bruna Cristina Oliveira da Silva, acusados e condenados por matar e comer a carne de suas vítimas. No *Spotify*, há uma breve descrição do que o ouvinte encontrará no episódio:

O trio criou uma seita chamada "Cartel" que tinha como objetivo evitar o crescimento populacional e isso seria feito matando mulheres. Eles comiam pedaços das carnes dos corpos das vítimas como forma de "purificação da alma". Uma seita formada por três

⁸ O termo “podosfera” é usado para se referir ao conjunto de podcasts existentes.

⁹ O podcast *Modus Operandi* conta também com a apresentação de Carol Moreira, que não participou do episódio “Canibais de Garanhuns: um triângulo amoroso e mortal”, mas foi citada.

pessoas, que também formavam um triângulo amoroso. O caso ficou conhecido como Canibais de Garanhuns. (SPOTIFY, 2020)

Apesar do caso ter sido destaque no programa em 2020, o crime veio à tona em 2012, com o desaparecimento de Giselly Helena, vítima do trio, que teve o cartão de crédito roubado e utilizado pelos criminosos em lojas da cidade. As pistas encontradas pela polícia apontavam para Jorge, Isabel e Bruna, que confessaram também o assassinato de Alexandra da Silva, no mesmo ano, e de Jéssica Cristina da Silva, em 2008, que além de morta, teve sua filha sequestrada pelos três.

Para testarmos a nossa hipótese de que a busca por podcasts de crimes reais se dá por uma narrativa mais humanizada e pela riqueza dos detalhes das histórias, buscamos indícios do jornalismo literário no roteiro do podcast, que não é jornalístico, por meio de bases filosóficas propostas por Edvaldo Pereira Lima em seu livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2009).

2. Retrato falado do podcast

O podcast é um formato em constante ascensão, tanto de produção quanto de consumo. De acordo com o site Pequenas Empresas & Grandes Negócios, o mercado de produção de podcast brasileiro já ocupa a 5ª colocação no ranking mundial, sendo que a estimativa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) é que mais de 34 milhões de pessoas, cerca de 8% da população do país, ouvem algum tipo de produção. Para entender esse fenômeno, é necessário observar a trajetória do *podcasting*¹⁰, que teve início nos anos 2000, por meio "de sistemas de distribuição automatizada de arquivos digitais de áudio, a partir de feeds, como RSS e Atom" (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 77), seguido de programas agregadores como iPodder e iTunes, que permitiam o internauta baixar um arquivo automaticamente no computador e transmitir para aparelhos multimídia, como celulares, notebook, iPods e MP3.

Inicialmente, os podcasts eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta ou monólogos que faziam as vezes de audioblogs. Mas, rapidamente, os programas/episódios passaram a

¹⁰ Segundo Kischinhevsky (2018, p.77), podcasting é a "modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras".

se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha, emulando o que era veiculado em ondas hertzianas ou mesmo, ocasionalmente, introduzindo formatos inovadores. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 77)

O autor destaca que o podcasting aumentaria o tráfego na internet a partir do compartilhamento nas redes sociais, mas que só ganhou novas proporções em 2012, quando a radiodifusão pública dos EUA passou a acolher produções independentes em larga escala, em que jornalistas passaram a montar pequenas produtoras para distribuição de podcasts. Esse fenômeno ficou conhecido como segunda Era de Ouro do *podcasting* (Bonini apud Kischinhevsky, 2018).

Kischinhevsky (2018) destaca o programa *Serial* como grande responsável por transformar o *podcasting* em um fenômeno. Utilizando uma narrativa jornalística, o podcast contou a história do assassinato da jovem Hae Min Lee, na cidade de Baltimore, em 1999. Adnan Syed, seu ex-namorado, foi condenado à prisão perpétua pelo crime, mesmo alegando inocência. Os episódios da primeira temporada somavam 5 milhões de downloads, resultando em uma segunda temporada lançada entre 2015 e 2016. Em março de 2017, *Serial* já contava com 250 milhões de downloads de suas duas temporadas, sendo que 175 milhões foram apenas da primeira. Em 2018, houve o lançamento de uma terceira temporada, que contou com nove episódios.

Em relação ao cenário nacional, o crescimento dos podcasts de crimes reais brasileiros parece seguir tendências – de certa forma uma inspiração – similares àquelas constatadas nos rankings de escuta em plataformas de *streamings* dos EUA. Em 2019, por exemplo, sete programas de crimes reais configuraram entre os 20 mais ouvidos de 2019, sendo o podcast *Crime Junkie* o que alcançou a maior posição na época, em 2º lugar (SILVA; SANTOS, 2020).

A mesma pesquisa aponta que no Brasil, o podcast de crimes reais a alcançar a maior posição, em 8º lugar, foi o *Projeto Humanos*. Naquele momento, o programa, que estava em sua 4ª temporada, narrava o *Caso Evandro*, que teve seu início em 2018. Os episódios contavam a história do desaparecimento e morte do menino Evandro Ramos Caetano, na cidade de Guaratuba, litoral do Paraná, vítima de um suposto ritual satânico organizado por pessoas influentes da cidade.

O *Modus Operandi*, que estamos analisando, está regularmente entre os podcasts mais ouvidos no Brasil, sendo que no momento da pesquisa ele se encontra na 1ª posição dos programas de *true crime* e o 14ª no ranking geral de mais ouvidos do país (CHARTABLE, 13 mai. 2023).

É possível observar em todos os programas citados acima uma forte presença do *storytelling*, termo em inglês que pode ser traduzido como contação de história, situação em que o fato apurado (*story*) é narrado por um jornalista contador (*teller*), sendo essa “uma técnica para narrar fatos como se fossem histórias” (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 58). É interessante notar, como bem aponta Vianna (2020), que esse mecanismo se adequa à plataforma em que é veiculada, e por galgar no tempo contemporâneo, sem se voltar à atualidade, dialoga diretamente com os processos de produção dos podcasts, que são atemporais.

3. A assinatura do jornalismo literário

Lima (2009, p. 13) aponta que o que diferencia o jornalismo de outras atividades de comunicação é a sua capacidade de informar diante dos acontecimentos da sociedade, “fazendo parte do grande bojo da comunicação de massa”.

No século XIX, a partir das primeiras cadeias de jornais e agências formadas pelos Estados Unidos e Europa, para suprir a necessidade da produção de informação em larga escala, o jornalismo encontra a fórmula da notícia, que é “a comunicação de uma estrutura fática, atual ou atualizada, que corresponde, consciente ou inconscientemente, uma vigência social geral de um grupo social específico”¹¹ (LIMA, 2009, p. 16). Para notícia se fazer, de fato, relevante, ela deve ser de interesse a pelo menos um grupo da sociedade e que seja atual a ponto de despertar a atenção das pessoas. Assim:

¹¹ Lima (2009) entende que essa é a melhor definição de notícia. Ela foi apresentada na disciplina de “sistemas jornalísticos”, oferecido pelo professor Flávio Queiroz de Moraes Jr., no final da década de 1970, no programa de pós-graduação da Escola de Comunicações e Arte da USP,

[...] a notícia segue as fórmulas de construção que redundam na simplificação do relato em torno dos seus componentes o que, quem, quando, como, onde e por que, distribuídos de três maneiras distintas, conforme se opte pela técnica da pirâmide invertida, da pirâmide normal ou da pirâmide mista. (LIMA, 2009, p. 17)

Com a firmação da imprensa no século XX, Kischinhevsky (2018, p. 75) aponta que "tornou-se crucial organizar o espaço das muitas páginas a preencher, o que levou a readequação da linguagem". O autor destaca também que a notícia se tornava hegemônica em nome da informação pública, e os valores dos grandes veículos, inspirados pelas agências internacionais, como a imparcialidade e objetividade, eram ainda mais comuns. Nesse contexto, o jornalismo vai se distanciando da literatura, que foi sua referência do século XIX ao XX, e passa a aspirar o conhecimento científico e contribuir com os saberes acadêmicos.

Walter Benjamin (1987, p. 203), de encontro com as colocações anteriores, aponta que a ascensão da informação é o declínio da narrativa em seu formato mais épico, pois "a razão é que os fatos já chegam com as explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte da narrativa está em evitar explicações".

O jornalismo desenvolve a reportagem como forma de atender a necessidade do receptor de ganhar uma compreensão maior sobre os assuntos, bem como ampliar as informações. Seus primeiros esboços surgem em 1920, juntamente com o jornalismo interpretativo¹².

Segundo Cremilda Medina em entrevista a José Marques de Melo¹³, citada no livro *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2009) de Edvaldo Pereira Lima:

A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda plenitude até mesmo da utopia, o socialismo, ou dentro da modernização capitalista. Pois é justamente pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a

¹² Lima (2009, p. 19) propõe que o objetivo do jornalismo interpretativo é "não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as suas causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro".

¹³ Trecho do livro *Opinião no Jornalismo Brasileiro* trazido por Edvaldo Pereira Lima (2009).

reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia é polifônica e polissêmica. (LIMA, 2009, p. 23)

Em sua obra, Edvaldo (2009) propõe que de todas as formas jornalísticas de comunicação, é com a reportagem, especialmente em livro, que a literatura melhor dialoga. Por esta ótica, entendemos a colocação de Pedro Sasse (2019) ao destacar que embora Truman Capote tenha trazido características inovadoras com a obra *A Sangue Frio* (1966), "as mudanças parecem mais indicar uma variação esperada das *true crimes* ao longo do tempo que necessariamente a edificação de um gênero inteiramente novo" (p. 71), já que utiliza de técnicas "semelhantes na escrita de sua *non-fiction novel*" (p. 72). Contudo, compreendemos que para a vertente jornalística, Capote teve um papel fundamental, ao lado de Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolf, contribuindo para o surgimento do *new journalism* (novo jornalismo), uma espécie de "simbiose entre o periódico e o livro-reportagem" (LIMA, 2009, p. 352), com a finalidade de aumentar o alcance de uma história.

A matéria que colocaria Capote novamente no Olimpo dos escritores – depois do ostracismo que seguiu a sua primeira fase de sucesso como autor de ficção –, dessa vez ajudando o jornalismo literário a conquistar uma aceitação popular muito mais ampla do que seus predecessores haviam conseguido, foi publicada em série na revista *The New Yorker* em 1965, saindo em livro no ano seguinte. (LIMA, 2009, p. 352)

Vale ressaltar que embora tenha retomado o fôlego para o jornalismo literário, Capote não foi o inventor do gênero: autores como Normam Sims, professor do Programa de Jornalismo de Departamento de Comunicação da University of Massachusetts Amherst, apontam que o jornalismo literário (JL) tem inspiração em escritores do século 17, como Daniel Dafoe (1660-1731), autor de *O Diário do Ano da Peste* (1722).

Mônica Martinez (2009, p. 72) propõe que o jornalismo literário surge antes mesmo da escrita e "seus primórdios remontam à aurora da civilização". Indo além, a autora faz um paralelo entre as similaridades do jornalismo literário e dos primeiros contadores de história dentro do campo do pensamento mítico, que é capacidade de narrar, por meio de símbolos, imagens e metáforas, de forma compreensiva para todos. Dessa forma, "em vez de gastar linhas e linhas explicando que tal político age, digamos, sem escrúpulos, pode-se dizer que o

sujeito é uma raposa. Uma pequena palavra, mas com conteúdo tão abrangente que até uma criança a entende" (MARTINEZ, 2009, p. 73).

Para Lima (2014), o jornalismo convencional tem como pretensão única e exclusiva informar, enquanto o jornalismo literário propõe ao leitor uma imersão na realidade a partir de sensações. Para conseguir isso:

O leitor é seduzido para realizar uma imersão – simbólica, psicológica, racional, emocional –, junto com o(a) autor(a), no mundo colocado ao seu alcance pela representação narrativa que ele faz com o texto. É estimulado a captar a realidade e senti-la, porque o grande propósito condutor é dar-lhe elementos para compreender a situação abordada de uma maneira muito mais rica e infinitamente menor rasa do que o texto meramente informativo é capaz de oferecer. (LIMA, 2014, p. 121)

No livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2009), Edvaldo Pereira Lima elenca 10 princípios filosóficos que embasam o jornalismo literário, sendo eles a exatidão e precisão, para informar de maneira criativa; contar uma história, ou seja narrar um acontecimento colocando o ser humano em primeiro plano; a humanização, que é o cuidado e equilíbrio ao tratar de pessoas; a compreensão, que é buscar entender um determinado tema sem necessariamente ter de explicá-lo; universalização temática, que é a possibilidade de tratar de qualquer assunto a partir do aspecto humano; o estilo próprio e voz autoral, que propõe um olhar próprio do autor de forma a valorizar mais a obra; a imersão, que é o aprofundamento do que se conta; o simbolismo, para auxiliar a consolidar a mensagem na mente do leitor; a criatividade, que busca novos caminhos para se narrar; e responsabilidade ética, que é o compromisso com a realidade.

4. O Modus Operandi

Este estudo tem como objetivo testar a hipótese de que o aumento do consumo de podcasts de *true crime* está intimamente relacionado à narratividade e riqueza de detalhes apresentadas nas histórias. Para isso, faremos a análise do roteiro do 25º episódio do programa *Modus Operandi*, intitulado “Canibais de Garanhuns: um triângulo amoroso e mortal”, decupado no apêndice A, a fim de compreender como ele emula elementos da literatura, do jornalismo literário, se apropriando também de matérias jornalísticas. Entendemos então que ao analisar

essa estrutura, faremos um estudo de caráter teórico, empírico e lógico e não no sentido espacial ou descritivo (TODOROV, 2006).

Conforme propõe Mônica Martinez (2019), é possível encontrar expoentes do jornalismo literário nos meios eletrônicos. E pensando que o “JL presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo” (MARTINEZ, 2009, p. 71), propomos correlacionar as bases filosóficas que regerem o jornalismo literário propostas por Edvaldo Pereira Lima (2009), sendo elas a exatidão e precisão, contar uma história, humanização, compreensão, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, simbolismo, criatividade e responsabilidade ética, com o roteiro do episódio “Canibais de Garanhuns: um triângulo amoroso e mortal”.

Para isso, fizemos a escuta do episódio em questão e a transcrição completa do áudio, fazendo a distinção da história e dos comentários de acordo com cada uma das podcasters que apresentaram o episódio, Mabê Bonafé e Bel Rodrigues – ex-apresentadora. Buscamos encontrar nesse roteiro sinais narrativos que mostrassem tanto a riqueza de detalhes e um olhar mais sensível à história quanto elementos que, de alguma forma, impulsionassem essas características.

5. Autópsia e laudo do roteiro

Para um melhor aproveitamento analítico, deixamos um subtítulo dedicado para cada uma das características listadas por Lima (2009).

5.1.Exatidão e precisão

Destacado como um dos pontos mais desafiadores para o autor e mais cativantes para o leitor, propõe trazer informações relevantes com uma fluidez narrativa, mas que não sejam burocráticas como no jornalismo tradicional. Os primeiros sinais aparecem ao descrever Garanhuns, dando características à cidade do agreste Pernambucano que, à primeira vista, pode fugir do imaginário popular ao se pensar em um município nordestino: tem uma paisagem de cor verde exuberante; possui um clima montanhoso; e tem um ar europeu. É interessante observar também como essa construção ajuda a destacar Garanhuns como uma

das personagens centrais do caso, já que seu nome é estampado nas manchetes dos jornais ao lado dos canibais – sendo feito um pedido das apresentadoras, ao final do episódio, para que as pessoas não se lembrem da cidade apenas por causa do crime.

Embora não traga necessariamente um dado a ser observado, o trecho apresenta traços menos perceptíveis da exatidão e precisão ao citar a localização geográfica de Garanhuns, seu nível em relação ao mar, uma das suas principais festividades, a participação de artistas na cidade e famosos oriundos da região, como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o cantor Dominginhos, também complementando a descrição.

5.2. Contar uma história

Enquanto o jornalismo convencional buscou estruturas para racionalizar e deixar mais objetivo o seu conteúdo, utilizando técnicas como a pirâmide invertida¹⁴ para organizar um texto, o JL cumpre seu papel ao contar uma história, seja ela grande ou pequena. E o autor pondera que o estilo narrativo é o que o leitor mais aprecia, uma vez que “corresponde a uma tendência natural humana, há milênios, que é contar e receber (ouvir, ver, ler) histórias” (LIMA, 2009, p. 358). Embora os primeiros minutos do episódio sejam um pequeno resumo do que os ouvintes encontrarão ao logo dos quase 80 minutos, a introdução não tem características da pirâmide invertida e nem se preocupa em trazer o lead (quem, o que, quando, onde, como e o porquê), mas sim instiga o ouvinte trazendo pequenas informações que geram curiosidade. A continuação da história não ocorre de forma linear, mas surge quase como um relato acerca de todo o caso, das características da cidade à prisão dos assassinos, como forma de aguçar a curiosidade.

5.3. Humanização

O conceito buscado no JL se dá em colocar as pessoas no centro da história: “protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a

¹⁴ De acordo com o Observatório da Imprensa (2023), é um jargão jornalístico para identificar um formato texto em que o conteúdo mais importante da notícia está no primeiro parágrafo. "O formato tornou-se quase uma unanimidade na imprensa porque poupa tempo do leitor e permite que o texto seja cortado para adequar-se ao espaço editorial disponível, sem comprometer a qualidade da notícia ou da informação".

extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos e nem os vilipendiamos” (LIMA, 2009, p. 359). As podcasters buscam essa humanização ao direcionar os holofotes à trajetória dos canibais, especialmente de Jorge Beltrão, tanto pelo seu papel nos assassinatos, sendo o líder da seita Cartel e a pessoa responsável por delegar a função de cada um nos crimes, quanto pelos seus transtornos mentais. O livro Revelações de um Esquizofrênico, citado no episódio, também possibilitou essa oportunidade de dar mais nuances ao Jorge, contextualizado sua relação com seus pais, sua infância, o início da vida adulta, suas dificuldades ao lado da esposa Isabel, mas nunca utilizando desses pontos como uma balança para justificar os crimes que cometeu ao longo dos anos. Ainda assim, as apresentadoras derrapam ao tecerem alguns comentários sobre os assassinos, especialmente na figura masculina, como dizer que a palavra de Jorge não vale muita coisa e chamá-lo de patético, colocando juízo de valor nessas falas e se distanciando dessa humanização ao falarem do trio.

O roteiro também abre espaço para contar a história das vítimas, especialmente Jéssica Camila, que teve a filha sequestrada e criada pelos assassinos. Há uma parte, inclusive, focada na criança, e o que aconteceu com ela após a prisão dos canibais. Mabê cita a existência de uma entrevista em que um repórter pergunta à menina o que ela lembra do caso. A apresentadora diz que “obviamente coisas horríveis”, questionando “para que fazer uma entrevista com a criança? Qual é o intuito? Tornar a situação mais triste? Mais cruel?”, criticando a imprensa em fazer um conteúdo sensacionalista que expõe a criança, embora cite a idade da menina e o nome de sua tutora.

5.4.Compreensão

Ela não surge como uma explicação, mas sim para dar luz às nuances da história que está sendo apresentada, “conectando informações aparentemente desconectadas. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas” (LIMA, 2009, p. 366), deixando assim que a pessoa assimile com a própria vida tudo aquilo que consumiu, evitando panfletarismos. Podemos relacionar a compreensão com os momentos de ponderação em que as apresentadoras falam das retaliações que os canibais sofreram, fosse no incêndio na casa em que moraram ou nos

apedrejamentos e confusões dos julgamentos. Conforme as podcasters apontaram, embora todo o sentimento de indignação da população fosse válido, esses atos prejudicaram as investigações e ganharam grandes proporções, mas que independentemente de qualquer revolta, nesse e em outros casos, é necessário contar com a lei. Ao colocar isso em pauta, elas vão de acordo com a proposta de Lima (2009, p. 366) de “ultrapassar os estereótipos, levantando a compreensão de uma situação por inteiro, iluminando-a sob diferentes óticas”.

5.5.Universalização temática

De acordo com Lima (2009), tem como principal objetivo fugir das especificidades das editoriais encontradas nos jornais periódicos, em que um caderno de política só fala de política, ou a seção de esportes só trata de esportes, e abarcar temas tangenciais à história central tornando-a mais robusta e interessante ao leitor. No roteiro, notamos que o objetivo principal da narrativa é falar sobre os crimes cometidos pelos canibais, porém, outros pequenos temas também surgem na história, como o sensacionalismo da imprensa ao abordar o canibalismo dos assassinos e indicar uma possível produção de salgados feitos de carne humana, mesmo sem provas concretas, e a misoginia velada da seita por se interessar em matar apenas mulheres para evitar o crescimento populacional.

5.6.Voz autoral e estilo

Lima (2009) aponta a voz autoral e o estilo são características indispensáveis para que o autor entregue um bom conteúdo a partir do seu entendimento próprio sobre um determinado assunto.

[...] é desejável que o escritor assuma o seu modo particular, único de compreensão do mundo. O que o leitor espera, tacitamente, não é um discurso de “verdade absoluta”, mas sim uma leitura individual, marcada pela experiência própria do auto, seu modo de captar e expressar a realidade, sua interação com o personagem da história. (LIMA, 2009, p. 369)

Podemos relacionar a concepção de voz autoral de Lima com a ideia de Walter Benjamin (1987, p. 203) de que a narração não está interessada em ser transmitida por si só, de forma direta como em um relatório, mas sim que “ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se

imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila”. Por esse viés, é possível perceber que é nos comentários, por vezes afiados, e conversas fora da leitura do roteiro que a voz autoral e estilo da Mabê e da Bel se tornam mais presentes. Mesmo ao abordar um assunto tão perturbador, as apresentadoras conseguem descontrair o ouvinte, como a Mabê citando sua frase – clássica – presente em todos os episódios do *Modus Operandi*, “até aí tudo bem”, ou a Bel citar Nietzsche duas vezes. Também é possível notar a voz autoral nas propostas reflexivas apresentadas por ambas ao falar dos assassinos, não de uma forma que justifique o crime, mas apresentando pequenas camadas que mostram um pouco de humanidade ao trio, como citar a influência de Jorge sobre suas esposas, criticar a matéria *Acusados de canibalismo produziram filme de terror* (2012), da revista *Veja*, e referenciar séries de entretenimento para exemplificar as ações policiais. Ou ainda na entonação da voz carregada de ironia, principalmente da Mabê, é um elemento recorrente neste e em outros episódios.

5.7.Imersão

A ideia da imersão é que seja feito um mergulho dentro da realidade das personagens: “o autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem” (LIMA, 2009, p. 373). Ao colocarem áudios de reportagens televisivas, citarem livros ou narrarem trechos de matérias da imprensa, há um indício, mesmo que superficial, da imersão, pois mostra uma pesquisa prévia sobre o caso, análise e seleção de momentos da história dos assassinos e das vítimas, que permitiu a elas um conhecimento maior sobre o assunto para poder transmitir para os ouvintes. Ademais, podemos perceber que além da imersão no caso dos canibais de Garanhuns, as apresentadoras relacionam situações do episódio com outros crimes famosos – e que também ganharam capítulos no *Modus Operandi* – como os *Serial Killers* John Wayne Gace, conhecido como o Palhaço Assassino, e Andrew Cunanan, que matou Gianni Versace, mostrando o amplo conhecimento em casos de *true crime*.

5.8.Simbolismo

É “fazer as palavras que compõem – significado na linguagem da teoria da comunicação – representarem – o significado, na mesma linguagem – uma coisa que não estão normalmente associadas” (LIMA, 2009, p. 382). Ou seja, utilizar de metáforas, alegorias, ambiguidades e outros recursos linguísticos para encantar o leitor. No início do episódio, por exemplo, há a leitura do livro *Revelações de um Esquizofrênico* em que Jorge diz que sua mãe o ajudava no banho, mas quando estranhamente ela saía do ambiente e voltava, estava como um monstro. Essa imagem narrada de monstro é muito simbólica e alude o imaginário do ouvinte, que é ativado ainda nos primeiros minutos do capítulo. Da mesma maneira, ocorre com a inserção do trecho da reportagem com a fala da Bruna de que “jogos mortais perdia” para descrever como foi o assassinato de Jéssica. Com apenas três palavras, ela consegue imprimir o sentimento de brutalidade da cena do crime, sem, necessariamente, dar detalhes do que ocorreu.

Outra ideia de simbolismo é a de purificação da alma, justificativa dos assassinos para matarem e comerem as carnes de suas vítimas. Essa proposta de purificação envolve um contexto religioso e mítico que os assassinos traziam na sua seita Cartel: as pernas representavam elementos terra e fogo, os braços água e ar, a cabeça era uma representação de Deus, o tronco era enterrado e o sangue não poderia ser utilizado por ser impuro. Em uma narrativa convencional, com o foco na notícia, talvez não houvesse espaço para o aprofundamento necessário para esses detalhes.

5.9.Criatividade

Para Lima (2009), está ligada aos conceitos de imaginação e associação para criar algo que encante com base em uma ótica própria para se contar a história, de forma a conseguir manter a atenção do leitor no texto. Embora não conseguíssemos encontrar no roteiro algo que fosse exatamente novo, o episódio instiga a criação de imagens no imaginário do ouvinte, estimulando assim a criatividade por meio da escuta, se munindo de trechos de reportagens e de leituras de livros e matérias da imprensa. Dessa forma, diferente das narrativas televisivas, em que a imagem vem pronta, no podcast, o ouvinte deve criá-las conforme seu próprio repertório.

5.10. Responsabilidade ética

Sendo a última das fundamentações filosóficas, está ligada à humanização do autor e a responsabilidade ética, descritas como “pacto implícito” (LIMA, 2009, p. 390) entre o produtor do conteúdo e o leitor para afirmar que o texto entregue não é ficção e contém uma pesquisa por trás, com extensa apuração, além de abordar o assunto com o máximo de honestidade. O roteiro mostra essa preocupação ao citar, ainda nos primeiros minutos, que foi construído baseado em outros materiais, como os livros *Os Canibais de Garanhuns* (2018), de Raphael Guerra, matérias divulgadas pela imprensa nacional e internacional, e até o livro *Revelações de um Esquizofrênico* (2012), de Jorge Beltrão.

6. Considerações finais

Diferentemente de podcasts essencialmente jornalísticos que trabalham com crimes reais, por exemplo o *Caso Evandro*, 4ª temporada do *Projeto Humanos*, que é baseado na investigação de Ivan Mizanzuke acerca de um único caso, o *Modus Operandi* é um programa narrativo e episódico, que destrincha uma história a cada capítulo. Ainda assim, mesmo com uma proposta mais enxuta e falas das apresentadoras que podem carregar juízo de valor sobre os assassinos, é possível encontrar no episódio estudado traços do jornalismo literário. Mesmo com certa brevidade, por conta do tempo do capítulo – e da proposta do programa –, Mabê e Bel constroem um roteiro que pode ser considerado mais humanizado, especialmente por falar das vítimas e que por abordar crimes reais poderia ganhar características sensacionalistas.

Entendemos que as pessoas buscam por histórias mais ricas de informação, sem se preocuparem se elas são ou não contemporâneas, assim como na construção das reportagens produzidas com as técnicas do jornalismo literário. Assim, sugerimos, neste artigo, que um dos fatores que podem estar relacionados com o crescimento do consumo é a narrativa mais humanizada e detalhada.

Conforme Pedro Sasse (2019) aponta em sua tese, o Brasil tem uma forte conexão com a literatura de narrativas criminais, da produção ao consumo. Entendemos que essa força se expande para outras mídias, como os podcasts,

séries e documentários, abrindo espaço para novas produções e retomada de programas que fizeram sucesso no passado, como é o caso do retorno do *Linha Direta*, programa da rede Globo focado em crimes reais.

Este artigo então contribui como uma pesquisa inicial para os estudos relacionados ao consumo de conteúdos de crimes reais por um viés mais subjetivo relacionado a narratividade, humanização e riqueza de detalhes nas contações das histórias, mas que pode ser explorado com base de outras hipóteses, desde relacionar a busca desses conteúdos a questões psicológicas até a contribuição das redes sociais e algoritmos nessa distribuição.

Referências bibliográficas

ARAGÃO, Helena. **Gosto de Sangue**. Carta Capital, 2022. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/gosto-de-sangue-2/>>. Acesso em: 27 de fev. de 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ªed, 1987.

CASTILHO, Carlos. **Para que serve a pirâmide invertida**. Observatório da Imprensa, 2005. Disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/para-que-serve-a-piramide-invertida/>. Acesso em: 27 de jul. de 2023.

CHARTABLE. **Podcasts Charts**. Disponível em <<https://chartable.com/charts/spotify/brazil-top-podcasts/>>. Acesso em: 13 de mai, 2023.

CUNHA, K. M. R; MANTELLO, P. F. **Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos**. Comunicação Midiática, Bauru, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

Kischinhevsky, M. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. Revista De La Asociación Española De Investigación De La Comunicación, 5(10), 73-80, 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora Manole, 2009.

_____. **Storytelling em plataforma impressa e digital: contribuição potencial do jornalismo literário**. ORGANICOM. Ano 11, n.20, p.118-127, 2014.

Modus Operandi. **Modus Operandi: #25 - CANIBAIS DE GARANHUNS: UM TRIÂNGULO AMOROSO E MORTAL**. Disponível em: <<https://www.modusoperandipodcast.com/episodios/ep-scjyh?rq=canibais>>. Acesso em: 27 de fev. de 2023.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. Estudos em Jornalismo e Mídia. v.6, n.1, p. 71-83, 2009.

_____. **Programa Globo Rural: um exemplo de jornalismo literário em mídias eletrônicas**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo-SP, 2019.

Setor de produção de Podcast está em expansão no Brasil. Isto É. Disponível em <<https://revistapegn.globo.com/ideias-de-negocios/noticia/2023/01/setor-de-producao-de-podcast-esta-em-expansao-no-brasil-confira-dicas-para-criar-o-seu.html>>. Acessado em 21 de mai. de2023.

SASSE, Pedro. **As Narrativas Criminais na Literatura Brasileira**. Niterói, UFF-Universidade Federal Fluminense, 2019.

SILVA, S. P.; SANTOS, R. S. **O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019**. Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr, 2020.

TALARICO, Fernanda. **O que é o true crime e como ele tem aparecido cada vez mais na cultura pop**. Disponível em <<https://jovemnerd.com.br/direto-do-bunker/o-que-e-o-true-crime-e-como-ele-tem-aparecido-cada-vez-mais-na-cultura-pop/>>. Acesso em: 27 de mai. De 2023.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Editoria Perspectiva, 2006.

VIANA, luana. **O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting**. RuMoRes, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020.

APÊNDICE A – transcrição do episódio Canibais de Garanhuns do podcast
Modus Operandi

Abertura do programa: o programa a seguir pode conter cenas de extrema violência e não é recomendado para pessoas sensíveis

Mabê: oiê, eu sou a Mabê

Bel: e eu sou a Bel. E hoje a gente não está com Carol Moreira, que infelizmente está rouca e está fazendo um voto de silêncio para melhorar, né, para os próximos episódios. Mas ela está sempre em nosso coração. Sim, Carol, te amamos, e não fomos pressionadas a falar isso.

Mabê: e hoje a gente vai falar de um caso que vocês pedem muito. Acho que foi um dos casos que vocês mais pediram recentemente. Começaram a surgir algumas treads por aí e esse caso deu uma renovada. Enfim, ele é bem tenso mesmo.

Bel: e o caso é sobre "Os Canibais de Garanhuns"

Mabê: que eram seguidores de uma seita chamada Cartel, contra o crescimento populacional.

Bel: e eles comiam pedaços das carnes dos corpos das vítimas como forma de purificação da alma, segundo eles.

Mabê: uma seita formada por três pessoas, que também formavam um triângulo amoroso.

Bel: o famigerado trisal. E se você acha que já tem muita informação só nesse resuminho, gente, vocês ainda não viram nada. Então bora!

Mabê: absolutamente nada.

Mabê: para esse roteiro, a gente se baseou em dois livros basicamente, que foram: "Os Canibais de Garanhuns", do Raphael Guerra, que estava grátis no kindle limited, mas agora não está mais. E também no livro "Histórias de um Esquizofrênico", do Jorge Beltrão, que é o próprio líder da seita Cartel, também conhecido como canibal de Garanhuns.

Bel: além das inúmeras matérias nacionais e internacionais sobre esse caso também que muita gente ainda não conhece.

Mabê: abre aspas: "no início da noite minha mãe me ajudava no banho. Me colocava nos braços, me levava para mesa. E me sentava lá para me enxugar. Estranhamente ela saía. E quando ela voltava, ela estava desfigurada. Parecia um monstro. Assim foi minha infância e nunca percebi que era diferente das outras crianças. Achando que todas tinham um mundo igual ao meu." Fecha aspas. Esse trecho é do livro *Revelações do Esquizofrênico* e o autor é o Jorge Beltrão.

Bel: o que nos leva a Garanhuns, que é uma cidade que está situada no planalto de Borborema, entre Sete Colinas. Ela tem um clima montanhoso e está a oitocentos e noventa e seis metros acima do nível do mar e é considerado o principal município do agreste pernambucano. A sua paisagem é de cor verde, bem exuberante, muitas flores espalhadas pelas praças, um clima frio e um ar europeu.

Inserção do trecho de reportagem: Garanhuns é conhecida como a Suíça Pernambucana, a cidade das flores. É a terra natal de Dominginhos. Ninguém poderia imaginar que Garanhuns também ficaria conhecida por uma história macabra.

Bel: todo ano acontece o festival de inverno de Garanhuns, que é o FIG. E esse festival traz até meio milhão de turistas, e já teve até palco talentos como a Elza Soares, que é uma rainha. Conte comigo para tudo, Elza, se você estiver ouvindo. Por tudo isso, a cidade é conhecida por ser a Suíça pernambucana. Olha a chiqueza, tá gente!? E também foi lá que nasceu o famigerado Luíz Inácio Lula da Silva, o nosso ex. E se você for atrás disso, você vai ver que o Lula nasceu em Caetés. Mas na real, ele nasceu em Vargem Cumprida, que era um distrito de Garanhuns, e hoje é o Caetés. Porém essa informação não tem nada a ver com a história. A gente só quis colocar aqui mesmo. E assim, gente, contando a história da cidade dá para a Mabê contar um caso bizarro, só ali da cidade mesmo. Eu já acho que deve ter rolado muito caso bizarro nesse festival de inverno da Suíça Pernambucana. Não sei vocês...

Inserção do trecho de reportagem: pelo menos três mulheres foram mortas por pessoas que diziam fazer parte de uma seita religiosa. Elas atraíam as vítimas com uma oferta de emprego.

Inserção do trecho de reportagem: o caso macabro aconteceu em Pernambuco. A crueldade das mortes surpreendeu até a polícia. Depoimentos apontam que os criminosos escolhiam as vítimas que eles acreditavam ser más.

Mabê: e agora a gente vai para o caso efetivamente. No dia 25 de janeiro de 2012, Giselly Helena da Silva, de 31 anos, desapareceu da cidade de Garanhuns. Ela entregava panfletos na cidade, e por conta disso, ela tinha o apelido de Geisa dos panfletos. Ela tinha acabado de perder a guarda de um de seus filhos, e estava com depressão pós-parto. 15 dias antes de desaparecer, ela tinha dito para a sua irmã que tinha um homem a perseguindo. E menos de um mês depois, no dia 15 de março, Alexadra Falcão da Silva, de 20 anos, também desapareceu. E antes de sumir, ela contou para a mãe que tinha conseguido um emprego de doméstica, que ia pagar um salário-mínimo e meio. E era um salário muito alto para a cidade. E tinham vários rumores rondando esses desaparecimentos e tal, mas um deles é que a Alexandra e a Geisa tinham sido vistas, separadamente, não juntas, nem no

mesmo dia, nem nada, mas no bairro Jardim Petrópolis. Era uma cidade do interior, então quando acontece um crime chama bastante atenção. Quando acontecem dois tão perto, chamam mais ainda. E começaram a perguntar onde estavam essas mulheres. O que tinha acontecido com elas.

Bel: então um dia chegou a fatura do cartão da Geisa, e a irmã dela viu que tinham compras realizadas dias depois do desaparecimento, em cinco lojas diferentes. E aí a polícia foi investigar, né, claro, em cada uma delas. E em uma das lojas tinham câmeras de segurança, e eles descobriram nas filmagens um homem e uma mulher fazendo compras no mesmo horário da fatura do cartão de crédito. Só que a mulher não era a Geisa. Então quem era aquela mulher e o que ela fazia com o cartão de crédito da Geisa, e quem era aquele homem que estava junto? Daí a polícia conseguiu informações da loja, e homem seria o Jorge Beltrão Negromonte, e a mulher se chamava Jéssica Camila. Os policiais então começaram a observar a casa que eles moravam e providenciaram um mandato de busca e apreensão e prisão preventiva. O mandato, ou mandado de busca apreensão, é uma ordem judicial que os juízes emitem para autorizar os policiais a conduzirem a busca de uma pessoa no local ou veículo por evidência de um crime, e confiscar qualquer evidência que for encontrada. A importância do mandato é garantir a legalidade daquelas evidências. Imagina você entrar em uma casa, ela está cheia de evidência, mas você não pode usar porque você agiu de forma ilegal, sabe? Prisão preventiva é para garantir ordem pública ou aplicação da lei penal. Ou seja, garantir que enquanto a investigação seja realizada, as pessoas não atrapalhem a investigação, ou que uma pessoa muito perigosa esteja solta, ou que saia do país ou estado, enfim. Isso aqui, né, na lei, como tá lá tipificado, porque na prática é bem diferente. A prisão preventiva funciona de uma forma totalmente diferente. Você pode até pesquisar mais a fundo sobre isso, mas falando de uma forma resumida mesmo. O mandado de busca e apreensão é superválido, como a gente estava falando, eu e a Mabê, antes mesmo de gravar o episódio, por conta do, eles já eram suspeitos o casal, eles estavam usando o cartão de uma mulher que já estava desaparecida. Então é muito válido que eles já tenham emitido esse mandato etc.

Mabê: acho que é importante comentar aqui também que, às vezes, no início, assim, quando a gente está assistindo uma série, e aparece no julgamento que você tem uma prova de que a pessoa fez aquilo, mas você não consegue usar aquela prova né. A gente sempre acha um absurdo.

Bel: total.

Mabê: mas é uma prova, tá ali, descarado, e tal, só que a prova foi conseguida de uma forma ilegal. Então por mais que a gente saiba que a lei funciona de formas completamente diferentes, de uma forma geral, você emitir esse tipo de mandado te dá uma legalidade para você conseguir procurar. Então é por isso que às vezes a gente assiste uma série ou um filme e tinha assim uma coisa crucial que as pessoas poderiam usar. Acho que até no caso da Lorena, por exemplo. A Lorena era crucial contar todo histórico naquele primeiro momento que ela foi falar todo o histórico de violência doméstica que ela tinha, mas ela não podia contar nada que tinha acontecido há mais de cinco dias né, por conta da lei que tinha naquela época. Então, acho que é muito importante a gente ver isso e entender por que é tão importante que tenham processos burocráticos que são chatos, mas que garantem e também protegem as pessoas. Tudo isso precisa ser manuseado de uma forma muito responsável, e a gente vai entender durante essa história aqui que isso não aconteceu.

Bel: até mesmo em “Inacreditável” quando a detetive vai fazer o mandado de busca, ela só faz esse mandado de busca e apreensão quando ela tem tipo a certeza de que aquele cara estava envolvido. Porque é complicado sabe, imagina, também é uma coisa que você tem que pensar que não é simplesmente ir na casa de qualquer pessoa, óbvio né que não é assim que funciona, tipo amanhã decidi que é suspeita a pessoa que mora ao meu lado, vou chamar a polícia e eles vão conseguir um mandato. Não é assim! Precisa, obviamente, de alguma evidência para conseguir isso, e é muito importante que exista nos trâmites da lei, né, lógico.

Mabê: é, e o que você falou é muito válido né. Às vezes, é uma estratégia da polícia ficar indo atrás tentando entender, e a descoberta é quando você vai e pega a pessoa desprevenida. Então você vai, tá cumprindo um mandato de busca e apreensão, e a pessoa fica sabendo ali, naquele momento, que ela tá sendo suspeita, pode ser que depois não encontrou nada, essa pessoa consegue fugir, consegue manipular provas. Então todo esse processo precisa ser feito com muito cuidado; a partir do momento que você entrou ali, você pode estar dizendo pra pessoa 'ô, você meu suspeito'. E aí você está aviando que a polícia está de olho naquela pessoa, e isso pode gerar outras coisas.

Bel: a gente já viu em outros episódios, tipo o Andrew Cunanan etc, de que avisar o assassino não é muito legal, né, dos passos da polícia.

Mabê: ainda mais pelo jornal.

Inserção do trecho de reportagem: Agora uma história de horror e mistério que repercutiu em todo mundo. Nossa equipe mostra quem são os canibais de Garanhuns, mentes doentias responsáveis pelas mortes de pelo menos três mulheres. A investigação comprava que eles comiam carne humana, e provavelmente roubaram a filha de uma das vítimas. É o que você vai ver com Afonso Mônaco na reportagem da semana.

Mabê: bom, aí no dia 12 de abril a polícia consegue entrar na casa e descobre que além de Jorge e de Jéssica, também mora na casa a esposa de Jorge, Isabel da Silva Pires Silveira. Então, o Jorge, de 51 anos, seria namorado de Jéssica, de 25 anos, e marido de Isabel, de também 51 anos. Todos eles moravam juntos e também encontraram uma criança de cinco anos, que seria a filha de Jorge e de Jéssica, e não encontraram nada aparentemente que desse a entender sobre as vítimas, as mulheres e tal. Até que a criança apontou para o quintal e indicou um lugar. E foi ali que a polícia descobriu restos mortais de pelo menos duas pessoas enterradas no quintal. E aí os três adultos foram cercados e eles assumiram o assassinato. Na verdade, eles assumiram tanta coisa, que acho

que a polícia até se arrependeu de perguntar tudo o que tinha acontecido. Para começar a Jéssica não era Jéssica né, começa por aí, ela era Bruna, e usava a identidade da Jéssica. Quem é Jéssica? A mãe da menina, da criança que estava lá, e que tinha sumido anos atrás em Olinda. Em 2008, essa Jéssica, foi vítima do trio quando eles moravam lá. E o Jorge não era o pai da criança também. A Bruna só assumiu a identidade e a filha, e aparentemente quando tudo aconteceu a criança tinha 1 ano, então ela não sabia que quem ela chamava de mãe naquela época tinha matado sua verdadeira mãe. Também descobriram que a criança era usada como isca, porque a Isabel atraía as vítimas com oferta de emprego de babá ou de empregada doméstica, e quando elas chegavam, eram assassinadas. Eles também comeram as carnes das vítimas. E também fizeram salgadinho recheado com a carne pra vender pela cidade. Eles também faziam parte de uma seita chamada cartel, que acreditava que consumir carne humana era uma forma de purificar a alma. Em 2008, quando eles mataram a Jéssica, eles não só consumiram a carne dela, como deram para a própria filha consumir, a carne da própria mãe. E aí Jorge e Bruna assumiram a criança. E tudo isso, absolutamente tudo isso foi confessado nos primeiros dias pelo trio, que ficaria conhecido com canibais de Garanhuns.

Bel: vamos voltar para a infância dessas pessoas, para tentar pelo menos ver como elas foram criadas nesse meio tempo, no caminho que eles trilharam para chegar aonde chegaram para ser conhecidos como canibais de Garanhuns. Jorge da Silva Negromonte Silveira nasceu em 1960 em Recife, ele passou a infância na cidade, ele tinha uma família normal, com quatro irmãos mais velhos. Teve uma infância bem rigorosa, na real, o pai dele era militar e a mãe dele era indiferente com a vida deles, com os tratamentos deles e tal. E dos sete aos 12 anos ele morou em Portugal, com uma tia, porque a mãe dele achou que ele teria uma educação melhor lá. Ele cursou educação física e se tornou faixa preta em karatê. A infância da Isabel foi bem diferente: ela nasceu em Recife também, passou por muitas dificuldades, os pais eram muito pobres, ela parou a escola bem cedo e nem terminou o ensino fundamental. E no tempo livre, ela tentava ajudar a família a

conseguir dinheiro, ela aprendeu a fazer salgadinho para vender. O sonho dela era ser cantora e participou de um programa de auditório.

Mabê: tá, então como eles se encontraram? Em 1984 ele estava realizando o sonho de cursar educação física e ela não tinha nenhuma expectativa para a vida. Eles se conheceram na igreja e começaram a se envolver. Quando o pai da Isabel descobriu que eles já tinham se pegado, obrigou eles a se casarem. E no dia do casamento, segundo o livro do Beltrão, o Jorge, ele teve um surto e todo mundo ficou assustado, e a Isabel até fugiu para a casa de um vizinho. A única coisa que acalmou ele foi conversar com o pai dele e uns amigos de infância. Até aí tudo bem. Só que eles estavam mortos. Quer dizer, o pai dele estava morto, os amigos não, porque os amigos eram imaginários.

Mabê: no início dos anos 80, enquanto eles se conheciam, a Bruna, ex-Jéssica para quem não lembra, ainda não tinha nem nascido. Jorge e Isabel moraram um tempo em Recife, até que ele perdeu o emprego de professor de educação física. Eles tinham o sonho de ter filhos, mas nunca conseguiram, então, em 2003, ele recebeu uma oferta de emprego para ir para Natal, no Rio Grande do Norte.

Inserção do trecho de reportagem – Falas da Bruna: sabe aquele, aquele... amor de conto de fadas, que a gente sonha quando é jovem, quando é criança, quando é menina? Pronto, eu achei que tinha encontrado o príncipe encantado.

Inserção do trecho de reportagem - Falas do repórter: na definição de Bruna, uma paixão avassaladora.

Inserção do trecho de reportagem – Falas do repórter: quando você descobriu que ele era casado, qual foi sua reação?

Inserção do trecho de reportagem – Falas da Bruna: ele falou para mim que era casado no civil com Isabel. Porém de corpo presente, como marido e mulher,

ele não vivia mais. Tanto que na época a Isabel tinha um namorado e ele estava comigo. Eles não tinham um relacionamento homem e mulher mais, só eram casados no civil.

Inserção do trecho de reportagem – Falas do repórter: duas mulheres e um homem vivendo todos juntos, como era isso?

Inserção do trecho de reportagem – Falas da Bruna: uma loucura.

Inserção do trecho de reportagem – Falas do repórter: um triângulo amoroso.

Inserção do trecho de reportagem – Falas da Bruna: exato!

Bel: aí em 2003 eles moravam em Natal, eles já tinham se mudado para lá. E aí foi quando eles conheceram a Bruna Cristina de Oliveira da Silva, na época ela tinha 16 anos, e ele 43. Ele era professor de educação física dela, e ela se apaixonou por ele, segundo ela. Aí um dia eles estavam passeando e ela o beijou. Aí ele contou que era casado, mas que não amava a esposa mais, que era uma relação fraternal, então ele foi conversar com a Isabel para saber se tudo bem a Bruna ir morar com eles. E foi ali que começou a relação desse trisal. Chamam de trisal, trio, poliamor, enfim, diversos nomes são dados ao relacionamento. E também chamam a Bruna de amante em diversas vezes, o que não faz sentido, já que os três moravam juntos, não era nada escondido. Não é como se a Isabel não soubesse ou não tivesse o aval dela, é bem diferente. A imprensa dava muito foco na Bruna ser amante, ou pelo relacionamento a três mesmo, por pura ignorância. Tudo o que não é considerado normal é atacado e difamado, a gente já está cansado de saber disso. E o problema não era esse relacionamento à três né, era o poder que ele tinha sobre as duas que não era saudável e que quando eles se conheceram a Bruna era menor de idade, gente, sabe. E o problema é que eles cometeram crimes juntos. Definitivamente o problema não era ser uma relação à três. E assim, é muito fácil para a mídia dar foco para essas coisas porque ela sabe que vai ter clique, vai ter a galera conservadora falando 'nossa que absurdo essas

peessoas subversivas e corrompidas, que praticam poliamor e que são um trisal fazem, um absurdo'. Sendo que assim, mano, vamos focar que eles eram criminosos e assassinos; é bom lembrar sempre desse pequeno detalhe do caso. Enfim...

Mabê: é importante também, lembrei agora que você comentou, de que o enfoque nesse caso nem é como se envolvessem os três, falam muito de relacionamento à três e as três pessoas se envolvem entre si. No caso, basicamente ele tinha duas esposas. Era um relacionamento à três, era um triângulo amoroso, era aceito e tudo mais, mas não era relacionamento que havia amor por todos os lados possíveis e imagináveis. E eu entendo rolar uma estranheza por mais que, enfim, fosse 2010/2012 quando isso aconteceu, até hoje rolaria uma estranheza. Mas é como a Bel falou, não é isso que é o problema da história.

Bel: rola muito um sentimento dele de posse mesmo, né, sobre as duas. No caso não queria abrir mão de uma e queria ficar com a outra menor de idade e ele com seus quarenta e tantos anos sabe? Pelo amor de Deus. Mas enfim, voltando, quando a Bruna completou 18 anos, em 2005, os três se mudaram pra Recife.

Mabê: e quando a Bruna entrou na história, ele achou que finalmente ia ser. Mas não rolou. Eles até tentaram adotar uma criança, mas o Beltrão respondia um processo na justiça, e por causa disso não poderiam adotar. Guardem essa informação. E para polícia, esse é um dos motivos do pelo qual nasceu a seita. E ali conversando com os amigos, o Jorge teve a ideia de criar uma seita, que só tinham três membros: os três. A menor seita do mundo.

Bel: literalmente

Mabê: o nome era Cartel. Literalmente, a menor seita do mundo. O objetivo era o combate ao aumento populacional e exterminar as pessoas incapazes de dar alguma contribuição para a sociedade segundo eles, e assim as almas seriam

purificadas. E as mulheres deviam ser o alvo, porque assim evitariam a reprodução de novos seres humanos.

Bel: gente, eu acho que a gente podia fazer uma pausa para o pessoal tomar uma água, beber um café, porque todas as informações até eu que já sabia do que estava acontecendo fiquei impactada de novo. Eu não sei lidar, sabe, o que se passa na cabeça dessas pessoas, e nem quero saber na real. Mas o que é mais chocante é ver o quanto eles estavam corrompidos mentalmente mesmo para falar que tudo isso é justificável porque vai purificar a alma. Pelo amor de Deus. Gente, pelo amor de Deus... Dar carne para uma criança. Dar a carne da mãe para uma criança comer, que purificação é essa que você está falando e vendo? Toda essa história de purificar a alma e colocar isso como um motivo lembra muito da frase, daquela, a pessoa que vem citando Nietzsche do nada, mas enfim, eu lembrei da frase dele: 'um homem tolera qualquer como se tiver um porquê'.

Mabê: e como a vítima era escolhida? A Bruna criou os pré-requisitos para uma vítima ser escolhida, que eram: mulheres jovens e solteiras, sem emprego, sem estudos e com filhos, mas sem condições financeiras para criá-los. Ou seja, mães sem suporte financeiro dos pais. Ou seja, um público-alvo bem grande. Resumindo, a seita era uma desculpa para matar mulheres.

Inserção do trecho de reportagem – Falas do repórter: Jéssica Camila Pereira, de 17 anos, uma jovem que tinha uma filha de um pouco mais de um ano, atraída por uma oferta de emprego de uma mulher chamada Isabel.

Inserção do trecho de reportagem – Falas do pai da Jéssica: essa senhora apareceu lá onde eu tava trabalhando, a Isabel, com uma bíblia de lado, dando uma de que era uma mulher muito santa, que tinha um emprego para minha filha com a minha, que esse emprego era bom e ia ajudar muito. Aí eu desconfiei, como eu sou pai eu desconfiei, e disse 'a minha filha não vai em nenhum canto não'.

Inserção do trecho de reportagem – Falas do repórter: Isabel insistiu por mais alguns dias, até que conseguiu aliciar Jéssica, que foi atrás do trabalho e levou a filha junto.

Inserção do trecho de reportagem – Pai da Jéssica: no terceiro dia, minha filha me enganou e disse que ia em tal canto, veio aonde viu essa senhora, essa bandida Isabel. Aí essa Isabel carregou minha filha e minha neta nessa data até hoje. Nunca mais vi.

Inserção do trecho de reportagem – Falas do repórter: ele perdeu a filha em 2008 esquartejada por três assassinos.

Inserção do trecho de reportagem – Falas do pai da Jéssica: isso é um monstro. Isso não se faz com um ser humano. Porque eu, como pai, só Deus sabe o meu sofrimento.

Mabê: e qual que era o *Modus Operandi* deles: então eles atraíam as vítimas, com a promessa de um emprego, uma oportunidade, algo que eles precisavam para sustentar suas famílias, e aí matavam elas. E o sangue não poderia ser utilizado, porque o sangue era impuro. E o Jorge tinha estudado anatomia, ele também lutava artes marciais, então sabia como imobilizar as vítimas. E sempre eram três pessoas contra uma, não é tão difícil assim. Antes de matar ele perguntava se elas estavam arrependidas pelos pecados em Terra. E o golpe fatal tinha que ser no pescoço, para atingir as veias jugulares e esvaziar o sangue do corpo.

Bel: amo como ele se coloca como uma espécie de Deus, né. É que tipo, ele pode falar o que é errado, o que é certo, o pecado que elas tinham, uma vibe totalmente '*The Handmaid's Tale*'. Patético.

Mabê: não, e é uma coisa do tipo 'vamos decidir quem são as pessoas que vão morrer'.

Bel: mano, quem é você?

Mabê: o que eu odeio são essas frases de exterminar pessoas incapazes de dar uma contribuição para a sociedade, porque é aí que mora todo o preconceito que a gente tem.

Bel: sim, pessoas marginalizadas, sabe.

Mabê: você decide que aquela pessoa não vale nada, que ela merece um tipo de coisa por causa de x ou y. Enfim, o Jorge puxava pela perna ou colocava uma corda no pescoço e arrastava até o banheiro, e deixava todo o sangue escorrer pelo ralo. E aí agora, né já tinha feito a parte principal, e a Isabel e a Bruna passavam de duas a três horas lavando todo o corpo até sair todo o sangue. Eles colocavam o corpo em cima de uma mesa para retirar toda a pele e ser esquartejado. A seita pregava que cada parte do corpo tinha um significado. Por isso que precisava dividi-lo certinho. E após cortá-las, as carnes eram congeladas para servir como refeição futura. Ossos, peles ou qualquer outra parte que eles não queriam comer, né, tipo coração, era enterrado em uma vala no quintal. E as mulheres limpavam a cena do crime, e no dia seguinte tudo voltava ao normal. A criança que morava com eles, sempre esteve na casa durante os rituais. Não dá para saber ao certo se ela chegou a ver de fato as mortes, porque têm alguns depoimentos contraditórios sobre isso. Mas ao que parece, infelizmente presenciou tudo.

Bel: tudo nesse processo mostra como o Jorge é uma pessoa patética. Os três né, mas o Jorge principalmente. Ele tinha que fazer todo o esquema e depois falava elas limpem, tá ligado? Tipo assim, passa duas e três horas limpando aí, lavando o corpo para sair todo o sangue, ou depois passa três horas ali enterrando, sabe? Deixa para elas coisas que para ele, na cabeça dele, era considerado o que elas tinham que fazer, porque o negócio importante na cabeça dele entre aspas ele que tinha que fazer que era: definir o pecado da pessoa, se a pessoa era uma

pessoa válida para ser inserida na sociedade ou não. Ah, eu tenho nojo desse cara e de tudo que falam dele. Eu tô começando a ficar pistola de novo.

Mabê: ele é nojento!

Bel: abre aspas: ‘em 2007, por exemplo, Jorge teria sacado cerca de 80 mil da conta bancária, de Zélia Beltrão, sua mãe, em nome de um dos irmãos. Dinheiro que supostamente foi usado para comprar a casa que morou, e supostamente aconteceu a execução da primeira vítima do trio’. Fecha aspas. Esse é um trecho do livro ‘Canibais de Garanhuns’ e explica o porquê Jorge teria dinheiro para comprar a casa deles em Olinda. Foi aí então que a Jéssica entrou na história. Ela tinha só 17 anos quando ela conheceu a Isabel e sempre estava com o bebê no colo, na rua. Então a Isabel e ela viraram amigas, e ela ofereceu uma moradia para a Jéssica e convidou ela para morar com eles. O plano era matar a Jéssica e ficar com o bebê para eles, já que não podiam adotar e nenhuma das mulheres ficavam grávidas. A Jéssica chegou a ficar viva só alguns dias até eles cometerem o crime. O Jorge descreveu o crime com uma riqueza de detalhes no livro dele.

Mabê: o Jorge escreveu ‘Revelações de um Esquizofrênico’ ilustrado e registrado no cartório. Ou seja, ele descreveu o crime com nomes reais, informações todas, e ainda registrou no cartório. No livro, ele parece relatar trechos da sua vida. Basicamente sempre tinham monstros e mulheres magras, assustadoras no seu quintal. Ele via várias coisas, e perguntava isso para alguém e a pessoa dizia que não tinha visto. “Aí um dia eu tava com meus amigos no quintal, daí apareceu uma mulher e sei lá do que, e teve um enterro. E no dia seguinte eu descobria que só eu via esse enterro”. Aí teve um dia que ele estava na escola, o pai dele apareceu, ensinou para ele, mas ele estava morto. Parece que ele aprendeu o conceito de *plot twits* aquele dia e resolveu aplicar em todas as páginas do livro. E ao mesmo tempo é chocante, porque parece que ele é muito consciente do estado mental dele. Mas voltando para a Jéssica, eles fizeram o mesmo ritual e o seu corpo foi enterrado no quintal da casa em Olinda. Antes de matá-la, eles a convenceram a registrar a criança, e por isso colocaram o Jorge

como pai. Então Bruna assumiu a identidade e a filha dela e seria o crime perfeito, pois só seria descoberto 4 anos depois, em Garanhuns, ao descobrirem os corpos das outras vítimas. Eu senti muito essa história muito parecida, entre aspas, com o Gacy sabe. O Gacy oferecia emprego... para quem não sabe, é John Wayne Gacy, do nosso episódio que se chama palhaço assassino. É um modus operandi muito parecido, oferecer emprego, que é um modus operandi parecido com geral, que é aproveitar de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Bel: aproveitar da bondade das pessoas também. Rola muito!

Mabê: exatamente! Aí nesse mesmo ano que rolou o crime com a Jéssica, em Olinda, o Jorge estava desempregado. E aí um amigo chamou ele para trabalhar numa academia na Paraíba. Daí todo mundo foi para Paraíba. Aí segundo seu próprio livro, o Jorge começa a confundir o real e o irreal, e a ter visões, ele é internado, é uma merda. A Isabel começa a fazer empada para levantar uma grana e ele quer ajudá-la, só que ele entra em depressão. E aí segundo Jorge, o que não significa muita coisa, ele tava no ponto de ônibus e foram assaltados – isso tudo tem no livro tá -, ele levou um tiro na cabeça e ficou em coma por três dias. Ele foi internado por 27 dias no hospital psiquiátrico Juliano Moreira, em João Pessoa. E os episódios de esquizofrenia pioraram.

Mabê: e no livro ele conta que uma psiquiatra levou ele até um lugar e mostrou um corpo e disse que foi ele que matou. E aí quando saiu a notícia de Garanhuns, quando tinha sido preso, né, também publicaram o livro na internet, saiu no jornal que enquanto ele estava internado lá, um vigilante desse hospital tinha sido assassinado. Só que segundo a investigações da polícia, esse crime nunca aconteceu.

Bel: teve um outro crime atribuído ao trio que o próprio Jorge chegou a confessar quando foi preso, mas depois ele desmentiu. Segundo um delegado de Pernambuco, o Jorge teria assumido esse crime em depoimento. Abre aspas: “na época foram feitas buscas e perícias na casa, até no cachorro que a família tinha,

e não foi encontrado nenhum vestígio de vítima. Também foi ouvida uma mulher chamada Iolanda e está vivinha. Os autos comprovaram que não houve nenhuma dessas mortes”, fecha aspas. Essa foi uma fala do delegado. Imagina o trabalho que a polícia teve para investigar nesses casos todos, sabe, que foram colocados. Pelo amor de Deus.

Mabê: é que quando saiu essa história, tipo, todos os lugares que eles moraram, a galera começou a cavucar tudo, as casas, os quintais do lado. Foi em Olinda, a gente tem dois corpos em Garanhuns. Tipo, eles moraram em Natal, e Natal é longe. Enfim, foi uma grande loucura que precisou de ajuda de muita gente envolvida, muita investigação.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: Jorge Negromonte queria ser ator. Isabel ensaiava também para um dia ser famosa. Bruna tinha o desejo de ser advogada.

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Bruna: sonhava em ser advogada, só que por causa de duas pessoas, todos os meus sonhos se acabaram. E quase minha vida também.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: três pessoas com sonhos diferentes, mas unidas pelo amor e pela loucura.

Bel: aí a gente chegou em Garanhuns, no ano de 2008, as duas mulheres desaparecidas são encontradas no quintal da casa. A criança foi mandada para casa de adoção até entender mais sobre o caso. Até porque tinha que fazer exame de DNA para comprovar a história deles, de que era filha da Jéssica etc. Então eles foram detidos e começaram todas essas investigações, que tiveram início em Garanhuns e se expandiram para Olinda, também em Conde também na Paraíba, além de Natal e Recife, até entender todas as implicações e estragos que o trio fez. Os vizinhos invadiram a casa deles depois que eles foram presos e descobriram uns filmes caseiros de terror, com cenas que incluíam homicídio e canibalismo, isso

de mentirinha, tá. Eles entregaram os filmes para os jornalistas, e obviamente tem cena disso por aí no mundo. E a Mabê vai colocar na *tread* do twitter, relaxem tá gente. Inclusive, arroba modus pod para você também assistir. Enfim, o filme tinha 53 minutos e se chama “Espírito”. Os protagonistas são a Isabel e o Jorge mais novos. Conta história da Elen, que é a Isabel, atormentada pelo espírito do marido, chamado Emanuel Silveira, vivido pelo Jorge. Aí ele vai visitar essa mulher e diz que tá com fome, aí ela vai até a cozinha para pegar comida para o espírito do Marido. Então o Emanuel esfaqueia a Elen e tira o olho dela e come. É uma coisa normal, sabe, acontece sempre, nada *trash*, nada exagerado. Tranquilo.

Mabê: bem tranquilinho.

Bel: uma casualidade mesmo. Mas na real o filme não teria problema nenhum se não tivessem praticado crimes bizarros anos depois. Aliás, pausa para essa parte de uma matéria retirada da Veja, do dia 15 de abril de 2012, dias depois da descoberta do crime mesmo. Abre aspas: “o ator, escritor, músico e professor de artes marciais Jorge Beltrão Negromonte da Silveira, de 51 anos, e sua esposa Isabel Cristina Pires da Silveira, de 50, foram presos essa semana em Garanhuns”. Gente...

Mabê: ele é ator, ele é escritor, ele é músico, ele é professor de artes marciais. Isabel, esposa.

Bel: cara, pelo amor de Deus.

Mabê: cara ela também é atriz, ela também estava lá no vídeo, no filme.

Bel: a gente não sabe se ela não escreveu também. Tipo ator e escritor atribuíram tudo para o cara.

Mabê: gente essa matéria é ridícula. O nome da matéria é: ‘acusados de canibalismo produziram filme de terror’. Só que essa bio do Jorge no meio da matéria foi foda, né. Não fez sentido nenhum.

Bel: e atribuindo tudo a ele. Isso que é o mais bizarro e patético de tudo sabe. Pelo amor de Deus.

Mabê: e quando a imprensa coloca uma pessoa que é suspeita de canibalismo como o ator, escritor, músico e professor de artes marciais. Gente...

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: Jorge, Isabel e Bruna viviam uma espécie de relacionamento aberto. Isabel era a esposa de Jorge, e Bruna a amante que vivia com o casal. Um triângulo amoroso que resultava em mortes cruéis. Mentos criminosas que teriam pensamentos assassinos há muito tempo. Neste vídeo caseiro de autoria de Jorge Beltrão, encontrado pela polícia, ele e Isabel são os protagonistas. Bem mais jovens, os dois aparecem contracenando uma história macabra. O vídeo, com um pouco mais de 50 minutos, tem cenas de assassinato e canibalismo. Também retrata imagem de esquartejamento e de um corpo sendo enterrado no quintal. Outro material ajudou a polícia a entender quem eram os assassinos. Este livro também de autoria de Jorge Beltrão mostra traços da personalidade do canibal. O título ‘Revelações de um esquizofrênico’. A esquizofrenia é uma doença mental crônica, que causa alucinações, delírios e alterações do pensamento. Nas páginas do livro, Jorge cita o canibalismo e a bigamia. Sobre uma mulher que teria conhecido, ele escreve: “suas pernas torneadas e grossas faziam os meus olhos canibais devorá-las. Eu não poderia escolher entre ela e Bel, a esposa Isabel, pois amava ambas. E diante de um acordo, por amor, elas decidiram dividir o mesmo lar comigo”. O livro escrito pelo assassino é assustador. Jorge relata a morte da menina chamada por ele de adolescente do mal. Para a polícia, o texto se refere ao assassinato de Jéssica Camila da Silva Pereira, que tinha 17 anos. Em cada frase, a face cruel do assassino. Ao abrir a porta, ela range e antes que a adolescente do mal tivesse a

possibilidade de reagir, eu a imobilizo. Pego a faca e lhe dou um golpe forte e preciso, atingindo a sua jugular.

Mabê: então um dia depois da prisão e a da imprensa anunciar sobre eles, a população pôs fogo na casa do trio. Segundo comissário de polícia de Garanhuns, Demócrito de Oliveira, o incêndio não atingiu o local onde as vítimas foram encontradas. Abre aspas: 'não deve afetar tanto as investigações, porque na realidade, a questão se deu no quintal, onde acharam os corpos, que não foi atingido. A população está revoltada com tudo que está acontecendo". Fecha aspas. Gente, eu fiquei com tanto ódio dessa passada de pano que o cara deu na população.

Bel: sim cara.

Mabê: gente eu entendo a comoção. Mas número um, a casa não deveria estar sem segurança. Afinal, era um caso mega grave, tem muita repercussão, e é claro que iam vandalizar, isso mexe com as pessoas. Tudo que acontece no Brasil que é extremamente... que é um assunto, sei lá, a gente falou da Suzanne Von Richtofen, todos os dias a casa dela era vandalizada, e era um caso de muita repercussão. E todo caso que tem uma repercussão dessas já é óbvio que eles vão vandalizar a casa. E meu, uma casa que tem coisas que podem ser usadas como provas, evidências. Como que essa casa fica sozinha sem nada.

Bel: entende o problema da mídia como um todo noticiar as coisas, principalmente um crime bárbaro como esse, brutal. Por isso a gente pega muito nesse pé e fica o tempo inteiro, em todo episódio, falando sobre o papel da imprensa e da mídia em relação ao sistema penal e carcerário como um todo, sabe? É muito importante que haja uma até discrepância mesmo, que haja uma linha do tempo e que a imprensa pelo menos espere algumas coisas. Principalmente coisas que são essenciais na hora de a gente pegar uma evidência, uma prova. Se a gente fazer o trabalho dos profissionais no caso né, fazerem o trabalho deles em relação a investigação do caso. Gente pelo amor de Deus, você não vai simplesmente

colocar fogo porque poderia ter tanta coisa lá, a gente não vai saber na real, que poderia ligar com outros crimes até. Se você é leigo nesse tipo de assunto e tá indignado, tudo bem a gente superentende e também está inclusive, fazendo roteiro e falando desses casos também, só que você não pode simplesmente fazer o que der na telha, simplesmente colocar fogo na casa e ir atrás e perseguir essas pessoas para fazer justiça com as próprias mãos, porque existe toda uma legislação, um código penal e uma constituição, que é sempre bom lembrar que nos rege enquanto nação e cidadãos. Então assim, pelo amor de Deus, não dá para você falar isso que a 'a população está revoltada com isso e tá tudo bem'. Claro que tudo bem-estar revoltado, mas não é tudo bem colocar fogo na casa que poderia ter evidências e provas.

Mabê: e uma casa que eles alugaram. Coitado do dono do imóvel. Tipo ele não merece ter a casa explodida porque aconteceu algo horrível lá dentro. Tipo não faz sentido nenhum assim. E gente tem muito perigo de queimar evidência, é básico isso. Você acabar prejudicando demais o caso com atitudes que não são racionais. E infelizmente, em situações dessa, a gente precisa de muita racionalidade, porque não é fácil. E assim Garanhuns, cento e poucos mil habitantes. Eu vi do interior de Minas, que tem mais ou menos a mesma quantidade.

Bel: onde eu moro tem, Tubarão.

Mabê: você não vai conseguir fazer busca numa casa, sem conseguir chamar atenção da cidade toda. Então conseguir fazer com que essa história não viralize até na própria cidade é muito impossível, mas você precisa tentar garantir a segurança daquele lugar, né, garantir que ele não seja invadido. Assim, teoricamente, eles conseguiram todas as evidências que eles precisavam naquele dia, mas mesmo assim não contribui quando você põe fogo numa casa, vai que tem mais coisas ali, mais coisas para olhas.

Bel: é uma cena de crime gente. É a famigerada fitinha de cena do crime, sabe, de *crime scene*. Porque o trisal já estava seguro pelo estado, já era

considerado suspeito, eram acusados ainda eu acho, nessa época, e tavam seguros pelo estado pela garantia que eles tinham enquanto cidadãos. Agora, o local. Gente, é o mínimo. É o que a Mabê falou.

Mabê: é isso em todos os momentos, assim, que permeou esse caso. Por exemplo, quando eles iam confessar, iam pro julgamento, que eles iam e tal, rolava muito apedrejamento, a galera gritando. De novo a gente entende. O Lollapalooza. A gente entende que o caso é muito chocante, a gente entende que é muito revoltante. Mas cara, antes de a gente saber das coisas, a gente não pode sair agredindo as pessoas. Na verdade, nem quando sabe a gente pode sair agredindo as pessoas. Não é assim que funciona, tem outras formas de agir e sempre que possível contar com a lei, embora a gente saiba que... a lei não é falha, falhos somos nós. E com essa.

Bel: foi muito boa mesmo. É que quando a gente fala em seguros pelo Estado, é seguros entre aspas, depende muito do acusado em questão.

Mabê: aí tá, quando eles foram presos, os irmãos do Jorge deram entrevista falando nossa, que a família está chocada que ele é assassino e canibal, mas que ele era sim violento. E falaram daquele golpe quando roubaram a herança da mãe. Só que a família só afastou dele quando ele trouxe a segunda esposa para casa. Quer dizer, roubar da mãe tudo bem, mas Deus me livre de trisal né.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do Fernando da Silva: ele matou em 94, com um tiro nas costas. A Isabel que era a velha tava com ele. A outra trepeça não, mas a Isabel tava.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: Mas o senhor é irmão de quem?

Inserção do trecho de reportagem – Fala do Fernando da Silva: Eu sou o irmão da vítima. Luciano Severino da Silva.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: Luciano Severino da Silva, é?

Inserção do trecho de reportagem – Fala do Fernando da Silva: assassinado com um tiro nas costas, ali no bicentenário, onde ele e os irmãos dele tiraram o corpo do local, a carteira do meu irmão eles tiraram e jogaram no sítio da ladeira de São Francisco. Outubro, há cinco anos atrás. Soma aí há cinco anos atrás. Pronto, ele foi julgado aqui, ganhou de sete a zero aqui, a Juíza era a mesma, doutora Maria Segunda, a mesma juíza. Ganhou de sete a zero. Matou, tirou o corpo do local com os irmãos dele, tirou a carteira, fugou para Boa Viagem e foi para Natal.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: Fernando da Silva, irmão de uma das vítimas. Luciano de que?

Inserção do trecho de reportagem – Fala do Fernando da Silva: Luciano Severino da Silva.

Mabê: depois dessa declaração vem à tona que na verdade, a Jéssica não foi o primeiro crime do Jorge. O primeiro crime teria acontecido em Olinda em 1994. Ou seja, em março de 94, Beltrão foi acusado de assassinar Luciano Severino da Silva, de 17 anos. Lembra atrás quando ele não conseguiu adotar uma criança?

Bel: porque ele tinha passagem.

Mabê: porque tinha passagem na polícia. Ele tinha matado uma criança, né. Ele tinha matado e tava sendo acusado de matar Luciano Severino da Silva, de 17 anos. Jorge teria dado um tiro nas costas dele. Em outubro de 2010, ele foi absolvido por falta de provas, considerado inocente por sete jurados, e o processo foi arquivado. Quem contou isso agora há pouco, que ele matou, foi o irmão da vítima, Fernando da Silva.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do jornalista: em depoimento na delegacia, Isabel revela detalhes ainda mais assustadores, que provocaram revolta na cidade de Garanhuns. Isabel conta que fez salgadinhos com a carne de Gisele e Alexandra.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do jornalista: você pegou a carne da menina e colocou como recheio da empada, não foi não?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: eu cheguei a usar sim a carne dela.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do jornalista: a lembrança do salgado de Isabel afetou até o comércio.

Inserção do trecho de reportagem – Fala da entrevistada: mudou um pouco né, principalmente salgado né. Principalmente porque muitos achavam que ia vender salgados dos canibais.

Mabê: desde o início, como a gente já falou, esse caso chama muita atenção. Ele foi muito divulgado por jornais com manchetes sensacionalistas e um monte de informações jogadas sem nenhum tipo de cuidado com a informação. Tinham muitos elementos, o casal que era um trisal, a filha roubada, identidade roubada, o ritual, as mortes, o canibalismo, a venda da coxinha e empada com a carne das vítimas. E logo que rolou o papo da coxinha, a população surtou, e dias depois saiu uma matéria com depoimentos de moradores de Garanhuns, como vocês acabaram de ouvir, que falam que tinham comido empadas com carne humana. Em vários depoimentos, as mulheres que viram a Isabel passar vendendo e dizendo que suas clientes comiam salgados e gostavam, enfim. Segundo uma manicure da cidade, a população parou de comprar salgadinhos. Gente, essa história da coxinha é uma das coisas mais sensacionalistas que já existiram. Primeiro que toda vez que

falam essa história, citam isso como se eles fossem, sei lá, uma rede gigantesca de empada e coxinha. Sabe. Como se eles vendessem o cento da coxinha para festinha com carne humana dentro. E agora, a informação mais chocante de todas: essa história da coxinha humana nunca aconteceu.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: Você chegou a fazer... você utilizou dessa carne para fazer empadinha, não fez?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: nessa época eu tava fazendo amendoim. Nessa época eu tava fazendo amendoim.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: mas você também vendia empada.

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: vendia empada, mas não com essa carne. Eu cheguei a usar para fazer amendoim. Aliás, fazer amendoim da carne, tanto é que em casa tem saquinho de plástico.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: mas da carne das meninas você fez amendoim?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: não, eu comprava. Tanto é que em casa tem os saquinhos plásticos. É que queimaram a casa, então não dá para ver os saquinhos plásticos.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: mas Jorge falou que você usava da carne para fazer empada. Aproveitou também para fazer empada.

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: mas isso aí foi empada para casa.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: para vocês mesmos?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: era

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: e como é que iam diferenciar as empadas de vocês com as empadas de vender?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: eu não fazia empada, meu negócio era amendoim. Eu cheguei a usar...

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: mas você também vendeu empada, eu já vi você vendendo aqui empada.

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: eu sei, vendi até para você eu acho.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: você vendia lanche. Um dos lanches eram empadas. Você pegou a carne da menina e botou como recheio da empada, não foi não?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: eu cheguei a usar sim a carne dela.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: certo, e fez a empada?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: fiz!

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: e por que não assume?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: mas eu vendo amendoim.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: você vende amendoim, você vende cocada, você vende empada. Você pegou a carne da menina, botou como recheio e deu para o povo comer. Agora por que não assume? Só assume nos gritos.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: me diz uma coisa, a empada que a senhora vendeu, era da carne de quem? Foi feita com a carne de quem?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: foi feita com carne da segunda.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: a de Alexandra?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: foi

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: a Senhora vendia as empadas com carne humana em quais locais dessa cidade?

Inserção do trecho de reportagem – Fala da Isabel: foi nos hospitais. Falar que era amendoim. E era pouquinho que eu colocava, era mais com molho. Só as pontinhas eu colocava.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: só as pontinhas de carne né.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: Jorge se defende e diz que a carne vendida não era humana.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do Jorge: isso surgiu porque o delegado de Garanhuns perguntou: você usou algum produto humano? Aí bel

respondeu: 'se aquela carne que tava no freezer era humana então usei'. Mas na realidade não existiu isso.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: Isabel fez de fato e vendeu pelas ruas de Garanhuns com carne humana?

Inserção do trecho de reportagem – Fala do Bruna: o que eu posso dizer é que houve sim um comentário que não precisaria comprar carne. Carne moída ou carne de frango, porque teria carne de gente para colocar no recheio dos salgados.

Bel: esse negócio de comentarem uma história só, que é a mais chocante, que choca de primeira quando a gente escuta, é muito rolê que aconteceu também no John Wayne Gace, né. Palhaço assassino e tal.

Mabê: exato! E ele era só um palhaço e um assassino, mas ele não era um palhaço assassino. Ele não se vestia de palhaço para matar as pessoas.

Bel: não era o Pennywise

Mabê: calhou.

Bel: gente, infelizmente vocês devem tirar essa informação da cabeça.

Mabê: e nesse caso é muito parecido né. Sim, a Isabel admitiu isso no dia que depôs a primeira vez, só que em todas as outras vezes negou. Tanto ela quanto o Jorge. E até a Bruna disse que tinha acontecido e depois comentou que não chegou a ver. E aí nesse áudio mesmo que a gente acabou de mostrar, ela meio que jogou que só houve esse comentário. Então porque essa história é tão... por que falam sobre isso tanto? Porque ela vende, e todo mundo fica chocado com isso. Sim, eles são canibais, eles se alimentaram da carne da vítima. Só que não tem nenhuma prova que eles vendiam salgado com carne humana. Segundo eles, o delegado insistiu nesse assunto e acabou viralizando. Mas a real é que eles dizem

que não é verdade. Eu tenho certeza de que vai rolar esse debate: a coxinha de carne humana é real ou não é? E assim, eu realmente acredito que não é.

Bel: eu quero acreditar que não é.

Mabê: é que para mim, por que eles assumiriam todos os outros pontos, que são graves, que são cruéis, são bizarros, e chegariam nesse ponto e eles não assumirem mais? Eu não sei, acho que por mais que no início o Jorge falou que não lembrava muito das coisas, que rolou sim muitas contradições entre os depoimentos deles e tal, para mim não faz sentido eles mentirem isso. O que eu sinto é que foi feito na época para causar mais sensacionalismo ainda, tipo, ela assumiu, tem o vídeo dela falando isso, mas a forma como foi feito, eu ainda realmente acho estranho e acredito que não foi isso que aconteceu. Mas é claro que não conseguimos dizer a verdade.

Bel: a coxinha de carne humana eu não sei se é real ou não, mas tem uma coisa que é bem real, que é o nosso catarse. A gente criou esse sistema de assinatura para você apoiar o Modus Operandi. O link é catarse.me/modusoperandi. E você ajuda com a quantia que quiser todo mês. É um financiamento coletivo, você pode ajudar da maneira que você puder. Se você tiver condições de ajudar a gente a manter esse projeto, ótimo, muito obrigada. Se você não tiver, apoia interagindo com a gente, comentando nas fotos, ouvindo os casos, enfim, o que vocês já fazem nos ajuda muito e é por isso até que a gente criou o catarse, criou uma proporção gigantesca o Mous Operandi. Ainda bem. E recentemente a gente tem aparecido na lista dos podcasts mais ouvidos, e isso é muito incrível, e a gente só tem a agradecer o carinho de vocês, então muito obrigada.

Mabê: muito obrigada galera. A Carol também está agradecendo.

Bel: infelizmente ela tá presa amordaçada aqui no cativeiro, tá gente, hahaha. É só para deixar tudo mais macabro um pouco.

Mabê: tá tudo tranquilo até então. Até aí tudo bem.

Bel: até aí tá tudo bem viu? Mas vamos para a primeira parte da prisão, em 2014. Os três foram presos desde o primeiro dia, e só voltaram a se encontrar no julgamento. Algumas vezes o Jorge chegou a assumir, mas disse que não lembrava de nada. Ele também mandou algumas cartas para a Bruna, porque ambos estavam presos, então era o único meio de comunicação, pedindo para ela confessar e falar que foi ela a culpada de tudo. Só que ela não é boba e não aceitou não, óbvio. A Bruna e o Jorge são muito calmos e raramente choram. Já a Isabel tá sempre tremendo e chorando tanto nos julgamentos quanto nas entrevistas. Eles trocaram diversas acusações entre eles de forma geral, assim, até porque os advogados atuavam independentes. Mas os três assumiram os crimes. No dia 14 de novembro de 2014, o trio foi condenado no júri popular em Olinda. Homicídio quadruplamente qualificado, vilipêndio, que é violação e ocultação do cadáver, que era a Jéssica, que é a menina que tinha 17 anos em maio de 2008 e desapareceu em Olinda e tal. Aquela que era a primeira. Durante a sessão, a Bruna fez o seguinte comentário, abre aspas: 'Jogos Mortais perdia', fecha aspas, ao descrever o assassinato da Jéssica. E ela admitiu ter comido a carne da vítima. O Jorge disse, abre aspas: 'eu cortava as carnes, estudei anatomia, e sabia onde fazer os cortes. Bruna ajudava e Isabel só observava. A gente guardava a carne no congelador e o cartel não permitia a comercialização das carnes. As pernas representavam os elementos terra e fogo, e os braços água e ar. Já a cabeça representava Deus, já o tronco era enterrado', fecha aspas. Ele explicou isso durante a sessão. E o Jorge ainda disse que a criança ainda presenciou a morte da mãe. A Bruna disse que a criança não presenciou. Enfim, tiveram algumas contradições, mas nada muito destacável a ponto de a gente pontuar. O Jorge assumiu o crime e mentiu novamente sobre a coxinha de carne humana. Ele disse que a Isabel confessou isso tudo por medo de tortura. O que é um medo bem válido, sendo bem sincera. Elas não admitiram o crime, mas admitiram a ocultação do cadáver da Jessica. Ele pegou 21 anos e seis meses de reclusão, e um ano seis

meses de retenção, totalizando 23 anos recluso. Já as rés Isabel e Bruna pegaram 19 anos de reclusão e um ano de retenção, totalizando 20 anos cada.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: olha só, uma história que chocou os moradores de Garanhuns, no agreste, pode ter ganhado um novo capítulo. Enquanto cavavam um buraco para colocar um poste, uns trabalhadores encontraram uma ossada com restos de roupas. Você está vendo aí uma foto que chegou para a gente pelo WhatsApp.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: pois é, a polícia foi chamada, e uma perícia vai ser feita para confirmar se os ossos são mesmo humanos ou não. O que chamou a atenção dos investigadores é que os ossos estavam muito perto da casa onde morou um trio acusado de canibalismo.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: os ossos encontrados na rua Voluntários da Pátria, no bairro da Liberdade, de acordo com a polícia, o buraco foi aberto para instalação de um poste. Além dos ossos, foram encontradas roupas que parecem ser de uma criança. O que surpreendeu os moradores e a polícia, foi o fato de o material ter sido encontrado ao lado de uma das casas onde morou o trio que ficou conhecido como os canibais de Garanhuns.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: foi uma surpresa grande, porque não se esperava que algo desse porte pudesse aparecer na mesma mediação do já acontecido anterior com canibais.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do repórter: seu Nelson mora nessa rua desde que o trio também vivia por aqui. Ficou a suspeita pelo bairro de que era algo deles.

Inserção do trecho de reportagem – Fala do Sr. Nelson: eles moraram aqui né. Na época eles tinham um menino, e quando saíram daqui não levaram o menino.

Mabê: bom, vocês já ouviram aí né. No dia 16 de junho de 2016, os moradores encontraram uma ossada e restos de roupa no local. Mas o delegado disse que não é possível afirmar que se trata de ossos humanos, porque não foi encontrado fêmur, humos ou falange, nada característico. E tudo isso chamou bastante atenção porque foi do lado da casa onde o trio morava. E foi mandado para perícia, só que a gente não conseguiu encontrar o desfecho dessa história. Então tudo indica que não deu em nada, já que esse caso é tão noticiado, acho que se tivesse alguma informação a mais, a gente provavelmente saberia alguma notícia dessa ossada aí. Mas todas as informações que conseguimos encontrar falavam que ossada tinha ido para periciar, as a gente nunca conseguiu ter um desfecho disso. Mas o que mais me choca é esse menino que o vizinho disse que morava com eles. Gente que menino, do que esse cara tá falando?

Bel: no dia 15 de dezembro de 2018, eles foram condenados pelas mortes da Alexandra da Silva Falcão, de 20 anos, e Gisely Helena da Silva, de 31 anos, ocorridas em Garanhuns, em 2012. Lembrando que a Gisele Helena da Silva é a Geisa dos panfletos, aquela que a gente falou lá no início do episódio. O julgamento já tinha sido adiado duas vezes antes, uma das vezes o advogado de defesa do Jorge não apareceu, meio que rolaram algumas manobras com o júri, postergaram, mais uma vez a data. Mas aí no dia 15 realmente aconteceu. Os três foram condenados duplo homicídio triplamente qualificado, por motivo torpe, com emprego de cruel e impossível defesa da vítima, além dos crimes de ocultação e vilipêndio de cadáver e furto qualificado. O Jorge Beltrão e a Bruna Cristina ainda respondem por estelionato, pois a Bruna passou a usar a identidade da Jéssica, e por isso pegaram penas maiores. Jorge e Bruna pegaram 71 anos de prisão, e a Isabel vai cumprir 68.

Mabê: em setembro de 2019. Estamos chegando mais perto. Saudades de 2019. O trio teve as penas aumentadas pelo crime que aconteceu em Olinda. O recurso tinha sido pedido pelo Ministério Público de Pernambuco, porque por conta da gravidade dos crimes, acharam que eles tiveram uma punição abaixo. Aquele

crime lá da Jéssica, que eles foram punidos com 21 anos e tal, e aí aumentaram seis anos a pena do Jorge, chegando a 37 anos, e mais cinco nas das mulheres, chegando a 24. Só que há essa altura, somando com as condenações anteriores, eles já tavam com quase 100 anos de prisão cada um. E vocês sabem por que as pessoas pegam tantos anos de prisão? A Carol respondeu no FAQ 2, “Por que as pessoas são condenadas por 200 anos?”. E se vocês quiserem saber, a gente não vai contar, porque a Carol já fez isso para a gente.

Bel: a Carol tá concordando nesse momento tá?

Enfim, o Jorge não tinha sido internado em nenhum hospital psiquiátrico, não rolou nenhum tipo de investigação de transtornos mentais dele. A resposta é sim, os advogados deles não foram por esse caminho, eles adotaram o discurso de coação moral irresistível, ou seja, que elas eram coagidas a fazer tudo o que o Jorge queria. O advogado da Isabel ainda insistia que ela era agredida fisicamente e psicologicamente se não fizesse as coisas que o Jorge mandava. O trio foi submetido a um exame, e os foram feitos por peritos especiais do estado, mostrou que nenhum deles é portador de nenhuma doença mental. A defesa do Jorge contesta isso e diz que há uma falha no laudo, até porque ele é apostado no INSS por invalidez por conta de esquizofrenia paranoide. O Jorge contou que o médico mal examinou ele e já disse que ele não tinha nada. Segundo a acusação, abre aspas: ‘existe naturalmente um transtorno de personalidade, afinal de contas ninguém mata pessoas e come partes de um ser humano’, fecha aspas, declara o promotor. Enfim, rolou isso mas não foi o suficiente para mudar a natureza das condenações. Eles estão presos então desde 2012. Cada um tenta se adaptar, a sua maneira, à rotina da cadeia. Nenhum deles tem registro de mal comportamento, eles estão em convívio comum e interagem normalmente com outras pessoas. Menos a Isabel, que apresenta um quadro depressivo e fica distante de outras detentas. Segundo os agentes penitenciários, o Jorge inclusive faz brincadeiras com os detentos, pedindo emprego na cozinha e tal. O Jorge não manda mais cartas para Bruna desde que ele pediu para ela assumir os crimes e ela não acatou com esse pedido dele. Nossa, que surpresa.

Mabê: em 2016 fizeram uma entrevista ridícula... ridícula, com a criança, escondendo o rosto, o nome claro, porque enfim, menor de idade, também modificaram a voz. Uma coisa tão sensacionalista que me deixou com ódio. Então sim, a Mabê também sente ódio. Com mais frequência do que vocês imaginam. Eu não vou colocar link nenhum. E se alguém me pedir link eu vou xingar. Se quiser, vocês que procurem. Isso é ridículo... basicamente o repórter fica... eu tenho vontade de empurrar esse repórter. Tenho vontade de encontrar ele na rua e colocar o pé para ele tropeçar. Porque ele fica meio que perguntando o que a criança lembra. E ela fala obviamente coisas horríveis, ela diz que o canibal matou a mãe dela, que cortou a cabeça e também estuprou a mãe dela. Cara para que colocar isso sabe? Para que fazer uma entrevista com a criança? Qual é o intuito? Tornar a situação mais triste? Mais cruel?

Bel: é cruel e traumatizante.

Mabê: é desnecessário expor essa criança. Por mais que esteja escondida, há uma entrevista sim para falar de algo extremamente delicado. Como é o emocional dessa criança? Que acompanhamento psicológico ela possui para lidar com esse caso e com a repercussão da entrevista que ela teve, por exemplo? Então assim, eu fiquei revoltada com a pessoa que teve a ideia dessa entrevista horrível. E ela mora com a sua tia avó, a dona Cosma, e hoje ela tem 13 anos e aparentemente, pois graças a Deus não se tem nenhuma notícia sobre ela, ela continua na casa da tia-avó dela. E a tia-avó dela ganhou a guarda dela disputando com o pai da Jéssica, o avô da menina, por ter mais condição de criá-la. E eles ainda tiveram problemas para alterar o registro dela, por que lembra que o Jorge tinha sido registrado como pai dela? E eu lembro que o pai da Jéssica, que seria o avô da criança, ele tava tentando encontrar meios pra alterar isso e tava supercomplicado, porque é uma burocracia para fazer isso. Enfim, eu nem tinha ideia. Olha que coisa mais triste você ter registrado como o seu pai uma pessoa que foi responsável por toda a desgraça que aconteceu na sua vida.

Bel: se você é o responsável por essa entrevista que rolou com a criança, repense suas atitudes. Eu sei que você está assistindo esse episódio. Pelo amor de Deus, você é uma pessoa horrível, tá? Melhore!

Mabê: espero que você tenha mudado. Já faz quatro anos, deu tempo de você ter se tornado uma pessoa melhor. Provavelmente não.

Bel: amiga amei a falsa esperança. Foi tudo para mim.

Mabê: provavelmente não. Mas é isso, a gente fica hoje com esse episódio, com essa história que é muito maior e muito mais bizarra do que a gente imaginou que seria.

Bel: muito triste também.

Mabê: é caso muito triste, envolve muita coisa, muita dor, muita misoginia, muito ódio as mulheres, seitas, vamos matar as mulheres, as mulheres são responsáveis por isso, por aquilo, e um homem que tá exercendo poder sobre outras mulheres também. Tudo isso também sendo usado o tempo todo pela polícia para desqualificar, ah eles estavam os três juntos, ah, eles fizeram um filme. Gente, desculpa, fazer um filme de terror não te torna um psicopata, não te torna um assassino, com certeza não te torna canibal. Te torna uma pessoa que faz filme de terror. No máximo. O que te torna assassino, o que te torna canibal, o que te torna criminoso são os crimes que você vai cometer.

Bel: a gente tá vivendo numa época de falar o óbvio, e isso é muito triste.

Mabê: são todas essas nuances que permeiam esse caso que eu acho que é importante a gente ficar debatendo. Porque não é legal. E não é legal ficar repassando informação sem nem saber o que a gente tá falando, porque a gente quer julgar as pessoas por coisas que são diferentes para a gente. Nossa, mas eu nunca... como que três pessoas estão juntas, isso não exis... Gente, existe

relacionamento à três, e eles podem ser feliz e não precisam ser assassinos, entendeu? Não faz nenhuma diferença. Então, realmente esse caso não é sobre isso. Esse caso é exclusivamente sobre toda crueldade que eles entregaram, sob uma ótima, uma seita, sob alguma coisa que eles foram seguindo e criaram juntos. E os três cometeram esses crimes.

Bel: nossa senhora, eu tava muito lembrando quando você falou da ótica do famigerado Nietzsche, gente. Vou falar de Nietzsche de novo. O homem tolera qualquer coisa se tiver um porquê. E é isso aí, esse lixo do Jorge criou esse porquê na cabeça dele... enfim. Que esse misógino pague por tudo o que ele fez.

Mabê: e não transformem Garanhuns nisso, sabe? Garanhuns é uma cidade bonita, não precisa ser conhecida sobre esse horror.

Bel: é a Suíça Pernambucana.

Mabê: minha mãe morou em Garanhuns, inclusive.

Bel: gente, eu amo a mãe da Mabê.

Mabê: tipo anos 70.

Bel: porque os rolês dela são tipo Ronaldinho Gaúcho. A gente nunca sabe aonde ela vai tá.

Mabê: minha mãe morou em Garanhuns nos anos 70, e ela lembra da cidade com bastante carinho.

Bel: bom, vamos encerrar esse episódio mandando um grande beijo para a mãe da Mabê, que é um ícone. E posso mandar aleatoriamente para minha mãe também, porque ela escuta e vai ficar muito chateada se não tiver. Mãe, um beijo. Tu nunca morou em Garanhuns...

Mabê: vamos mandar um beijo também para a mãe da Carol.

Bel: mãe e mãe da Carol, vocês nunca moraram em Garanhuns, mas a gente ama vocês.

Mabê: e vocês também têm o seu valor.

Bel: é isso, um beijo, gente. Até a próxima.

Mabê: até o próximo episódio. Se vocês quiserem ver mais informações, vão no arroba Modus Pod, tanto no Twitter quanto no Instagram que a gente vai deixar tudo lá.

Esse episódio foi escrito por Mabê. No caso, euzinha. E apresentado por Bel Rodrigues e por mim. A edição é do Dantas. A música tema do Podcast é do Neco e do Leo Braga, as artes são do Banjo. E quem cuida das redes sociais sou euzinha, a Mabê.